



www.soutomaior.eti.br
Mário Souto Maior Web

Mário Souto Maior

Antônio Silvino

Capitão de Trabuço



Antônio Silvino

Capitão de Trabuço

SS87s Souto Maior, Mário, 1920 –
 Antônio Silvino: capitão de trabuco /
 Mário Souto Maior. – 2. ed. – Recife:
 Bagaço, 2001.
 125p.

1. SILVINO, ANTÔNIO, 1872 – 1944 – BIOGRAFIA. 2.
CANGACEIROS – PERNAMBUCO. 3. CANGAÇO. 4.
LITERATURA DE CORDEL – PERNAMBUCO.
I. Título.

PeR – BPEPCB

CDU 92 SILVINO, A.
CDD 920

LIVROS DE MÁRIO SOUTO MAIOR

- 01 - MEUS POEMAS DIFERENTES. Recife, 1938.
- 02 - ROTEIRO DE BOM JARDIM. Recife, 1954. (Com Moacyr Souto Maior)
- 03 - COMO NASCE UM CABRA DA PESTE. São Paulo : Arquimedes Edições, 1969; 2ª ed. Recife: Edições Grumete, 1984; 3ª ed. Recife : 20-20 Comunicação e Editora/Fortaleza : Biblioteca O Curumim Sem Nome, 1997; edição em CD, idem, 1997; adaptação teatral, Altimar Pimentel. Recife: 20-20 Comunicação e Editora/Fortaleza: Biblioteca O Curumim Sem Nome, 1997; edição em Vídeo. Cabedelo : BF-Vídeo Produções, 1997.
- 04 - O CICLO. Recife, 1970.
- 05 - CACHAÇA. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1970/71; 2ª ed. Brasília: Thesaurus, 1985.
- 06 - ANTÔNIO SILVINO, CAPITÃO DE TRABUCO. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 1971.
- 07 - EM TORNO DE UMA POSSÍVEL ETNOGRAFIA DO PÃO. Recife, 1971.
- 08 - DICIONÁRIO FOLCLÓRICO DA CACHAÇA (1ª edição). Recife, 1973; 2ª edição, Fundação Joaquim Nabuco, 1980; 3ª edição, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 1985.
- 09 - A MORTE NA BOCA DO POVO. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974.
- 10 - NOMES PRÓPRIOS POUCO COMUNS (1ª e 2ª edições). Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974; 3ª ed., Recife, 1992; 4ª ed., Recife: Bagaço, 1996.
- 11 - TERRITÓRIO DA DANAÇÃO. (Prêmio Vânia Carvalho, da Academia Pernambucana de Letras, 1977), Rio de Janeiro: Livraria São José, 1976.
- 12 - NORDESTE: A INVENTIVA POPULAR. (Prêmio Joaquim Nabuco, da Academia Pernambucana de letras, 1976). Rio de Janeiro: Editora Cátedra/INL, 1978.

- 13 - DICIONÁRIO DO PALAVRÃO E TERMOS AFINS (1ª, 2ª e 3ª edições). Recife: Editora Guararapes Limitada, 1980; (4ª, 5ª, 6ª e 7ª ed). Rio de Janeiro: Record, 1988/1998, 173p.
- 14 - FOLCLORE ROTISMO (1ª e 2ª edições). Recife: Pirata, 1980, 1981.
- 15 - GALALAU E BATORÉS. Recife: Editora Universitária - UFPE, 1981.
- 16 - PAINEL FOLCLÓRICO DO NORDESTE. Recife: Editora Universitária - UFPE, 1981.
- 17 - COMES E BEBES DO NORDESTE (1ª, 2ª e 3ª ed.). Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1984-1985; 4ª ed., Recife: Bagaço, 1995.
- 18 - MULHERES E RUAS. Recife: Grumete Edições, 1984.
- 19 - SETE ESTÓRIAS SEM REI. Recife: Grumete Edições, 1984.
- 20 - REMÉDIOS POPULARES DO NORDESTE. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1986.
- 21 - FOLCLORE QUASE SEMPRE. Recife: Grumete, 1986.
- 22 - VELHOS E JOVENS: UMA FOLCLÓRICA RIVALIDADE. Recife: Grumete, 1987.
- 23 - FOLCLORE & ALIMENTAÇÃO (Prêmios Silvio Romero, 1979 e Gran-Prêmio Iberoamericano Augusto Cortázar, 1989. Fondo Nacional de las Artes. Ministerio de Educación y Justicia, Argentina). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1988.
- 24 - ANTOLOGIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE. Recife: Editora Massangana, 1988. (Com Waldemar Valente)
- 25 - ANTOLOGIA DA POESIA POPULAR DE PERNAMBUCO. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1989. (Com Waldemar Valente)
- 26 - ANTOLOGIA DO CARNAVAL DO RECIFE. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1991. (Com Leonardo Dantas Silva)
- 27 - A LÍNGUA NA BOCA DO POVO. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1992.
- 28 - SOGRAS: PRÓS & CONTRAS E OUTRAS CONVERSAS. Recife, 1992.
- 29 - O RECIFE: QUATRO SÉCULOS DE SUA PAISAGEM. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1992. (Com Leonardo Dantas Silva)
- 30 - O PUXA-SACO: AQUI, ALI & ACOLÁ. Recife, 1993.
- 31 - A PAISAGEM PERNAMBUCANA. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1993. (Com Leonardo Dantas Silva)
- 32 - TRÊS ESTÓRIAS DE DEUS QUANDO FEZ O MUNDO (Folclore Infantil). Recife: 20-20/Comunicação e Editora, 1993.
- 33 - RIQUEZA, ALIMENTAÇÃO E FOLCLORE DO COCO. Recife: 20-20/Comunicação e Editora, 1994.
- 34 - GEOGRAFIA VOCABULAR DO PAU ATRAVÉS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Recife: 20-20/Comunicação e Editora, 1994.

- 35 - A MULHER E O HOMEM NA SABEDORIA POPULAR. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1994.
- 36 - A MULHER QUE ENGANOU O DIABO. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1994.
- 37 - AS DOBRAS DO TEMPO: QUASE MEMÓRIAS. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.
- 38 - O HOMEM E O TEMPO. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.
- 39 - BRASIL X PORTUGAL: AQUELE ABRAÇO. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.
- 40 - FOLCLORE ETC & TAL. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.
- 41 - OS MISTÉRIOS DO FAZ-MAL. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1996.
- 42 - FREI DAMIÃO: UM SANTO? Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1998.
- 43 - ORAÇÕES QUE O POVO REZA. São Paulo: Editora IBRASA, 1998.
- 44 - PEDRO E SEUS MIL CARNEIRINHOS. Recife, 1998.
- 45 - CANGAÇO: ALGUMAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999. (Com Lúcia Gaspar)
- 46 - PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA: ALGUMAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999. (Com Lúcia Gaspar)
- 47 - DICIONÁRIO DE FOLCLORISTAS BRASILEIROS. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999.
- 48 - A MOÇA QUE CASOU COM UMA COBRA (Infantil). Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999
- 49 - BIBLIOGRAFIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1999.
- 50 - UM MENINO CHAMADO GILBERTO FREYRE. Recife: FGF/Elógica Edições, 1999.
- 51 - UM MENINO CHAMADO HÉLDER CÂMARA. Recife: FGF/BCP Edições, 1999.
- 52 - UM MENINO CHAMADO JOAQUIM NABUCO. Recife: FGF/BCP Edições, 2000.
- 53 - A MENINA E O PAPAGAIO (Infantil). Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 2000
- 54 - UM MENINO CHAMADO CAPIBA. Recife: FGF/BCP Edições, 2000.

A SAIR:

O CARNAVAL: TEXTOS, IMAGENS & SONS (com Fernando Spencer e Renato Phaelante)
QUAL É A SUA GRAÇA?
ANTOLOGIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE II (com Waldemar Valente)
DICIONÁRIO DE FOLCLORE PARA ESTUDANTES (com Rúbia Lóssio)
UM SÉCULO DE PESQUISA EM CORDEL (com Joseph M. Luyten)
DICIONÁRIO BIO-BIBLIOGRÁFICO DE FOLCLORISTAS PERNAMBUCANOS (com Roberto Benjamim)
JOÃO MARTINS DE ATHAYDE: UM POETA DO POVO
UM MENINO CHAMADO MONTEIRO LOBATO
UM MENINO CHAMADO JORGE AMADO
UMA MENINA CHAMADA MAGDALENA FREYRE

A

Dante de Laytano

Elijah Von Sohsten

Jaime Griz

Orlando Parahym

Salomão Carneiro

e

Waldemar Valente

À memória de
Nestor de Holanda - querido companheiro

A

Fred, Gise, Jane, Lis, Jan, Glen e Ed
- minha continuação

*Essa história não é minha
Mas também não é alheia
Não é grande nem pequena
Não é toda nem é meia
Não é certa nem à toa
Não é ruim nem é boa
Não é bonita nem feia.*

Do poeta popular José Pacheco,
em *A Mãe de Calor de Figo*

SUMÁRIO

	Prefácio, 15
	Cangaço: fenômeno complexo, 23
	Culinária do cangaço, 27
Um <i>papo-amarelo</i> :	sangue na Terra do Sol, 33
	Demônio, sim; anjo, às vezes, 39
	<i>Volantes</i> na trilha do cangaço, 47
	Vencidos & vencedores, 55
	Um místico à procura do sol, 65
A gesta heróica no romanceiro de cordel, 71	
	Da realidade à literatura de ficção, 85
	Depoimentos, 99
	Glossário, 111

Prefácio

Mário Souto Maior apresenta Antônio Silvino aos olhos contemporâneos. Um cangaceiro sem deformação biográfica, sem exaltação demagógica, sem utilização política. Nítido. Inteiro. Legítimo.

Manuel Batista de Moraes (1872-1944), durante quatorze anos (1900-1914) foi o Rifle de Ouro, Governador do Sertão, um sertão sem rodovias, luz elétrica, fotógrafos e reportagem com amplificador imaginativo. Sertão a pé, alpercata de rabicho, Winchester 44, punhal de furar longe. A geografia funcional de Antônio Silvino limitou-se realmente ao Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Não viu Campina Grande ou Mossoró, comandando o bando. Olhou o mar depois de preso na Penitenciária do Recife. Sua gestão termina em novembro de 1914. Resistiria mais de trinta anos, andando de

automóvel, tomando sorvete, sentado no cinema, pleiteando ganhar vinte mil réis por dia. As velhas estradas das boiadas, pisadas nas veredas, e atalhos laterais, foram revistas a sessenta quilômetros por hora. Quase o rojão de um dia, montado no dedo grande e chamando os miudinhos ... Ficara vinte e três anos na prisão pelos catorze de cangaço. Oito filhos. "Nada deixo para inventário". Saiu da penitenciária sabendo ler, escrever, reminiscências do Novo Testamento, banho diário, barba semanal. Visitei-o, ouvindo sua conversa, normal, tranqüila, prudente, na entonação descansada e cantada.

Fui menino e rapaz no Sertão de suas façanhas estrondosas. Estava em Souza, Paraíba, quando o Capitão chegou às vizinhanças da cidade, Pedra Branca, creio, para abater com um tiro na cabeça o negro Carão, nome de ave em homem bravio, velho inimigo. Vendo-o cair, disse numa intimação de chiste trágico: - "Canta, Carão!"

Esteve um dia inteiro em Sant'Ana do Matos, Rio Grande do Norte, hóspede da minha prima Anísia Baracho, numa fazenda, com o marido ausente. Aí ocorreu, ou repetiu-se o episódio contado por Gustavo Barroso. O capitão obrigou um cangaceiro a beber um litro de sal, dissolvido n'água, por ter achado o de-comer insosso. Faltara com o respeito a uma mulher casada em sua casa. Outra vez, levou duzentos mil réis deixando vinte contos ao alcance da mão. "Só preciso disto. Não

sou ladrão!" Vi, em casa de meus pais, Alfredo Chianca, da fazenda Califórnia, em Macaíba, que tiroteara uma noite, desafiando o capitão para decidir em ferro frio, sendo abraçado, perdoado, promovido à classe dos amigos. Era herança sentimental e cavalheiresca de um Jesuíno Brilhante, Robin Hood do oeste norte-rio-grandense. De um Adolfo Rosa Meia-Noite, tigres com um favo de mel de urucu.

Mário Souto Maior credencia-se pela segurança pesquisadora, atestada numa bibliografia fielmente erguida em fundamentos reais. É possível a um etnógrafo trabalhar sobre esse material, limpo de simpatias culturais e de intenção econômica.

O sertanejo, até 1915, quando se aproximou do litoral, era um mundo fechado ao visitante ocasional, hermético nas tradições seculares, com soluções psicológicas determinadas pelos antecedentes familiares. Qualquer alteração que sobrasse do original imóvel era repetida como mentira. Não havia licença para os direitos literários da Imaginação. A compreensão vinha para os fatos criados na paisagem ecológica. Nenhuma importação temática. Os antigos folhetos dos paraibanos Francisco das Chagas Batista (1885-1929) e Leandro Gomes de Barros (1865-1918), são depoimentos exatos do entendimento popular da época, marcação do radar sertanejo, fixando a repercussão do impacto cangaceiral. As imagens flamejantes vinham do Povo. Os folhetos destinavam-se ao consumo interno das Vilas, Fazendas e Feiras.

Quase impossível situar Antônio Silvino no dia presente. Para a valorização do momento é indispensável a existência de anomalias psíquicas, neuroses sedutoras, bruteza sádica, tortura deleitante, depredação inútil, ferocidade teatral, valentia das patrulhas, heroísmo das armas numerosas ante a impossibilidade da reação. Os obstinados caçadores do capitão desfizeram-se na lembrança coletiva. Desidério, Paulino Pinto, sabendo bater-se e morrer. Antônio Silvino possuiu amigos e não apenas coiteiros a soldo ou assombrados pela ameaça. Setenta anos, morto, Jesuino Brilhante tinha defensores, como o capitão os manteve, fiéis aos gestos de respeito e cortesia aos velhos, damas e donzelas. Não deixou de ser, em alta percentagem, um sertanejo. A incontida admiração ao Homem Valente jamais acompanha a violência do bandido, a crueldade injustificada. Os mesmos argumentos para os bandidos sicilianos, alguns canonizados pelo romantismo cinematográfico.

Mário Souto Maior ressuscita um capitão de trabuco. É quase a figura que sacudia as evocações e conversas no cupiá fazendeiro, lembrado na voz dos cegos cantadores, lido pelos vaqueiros, ubíquo e temeroso, um sertanejo fora da Lei mas não ausente dos Homens.

Mário Souto Maior conseguiu uma indagação minuciosa e feliz. Deduzo quanto lhe custou em teima, resignação, paciência. Como toda poesia de Gesta, o fato não se localiza no Tempo. Não há data na História sertaneja. Fase, época, período, como uma camada

geológica. Atravessei essas provas quando investigava o Flor de Romances Trágicos (Rio de Janeiro, 1966), mergulho nos arquivos, obstinação na trilha das cavernas escuras, aparentemente despovoadas, nas memórias hesitantes dos antigos, dos sobreviventes, os de outrora.

Saber o que esse ensaio representa em tenacidade, energia, vontade invencível, clareza de comunicação, simpatia humana, é fazer-lhe o elogio da realização.

Luís da Câmara Cascudo

Cidade do Natal, outubro de 1969

*Cangaço:
fenômeno
complexo*

*Há quatro coisas no mundo
Que alegam um cabra macho:
Dinheiro e moça bonita,
Cavalo estradeiro-baixo,
Clavinote e cartucheira
P'ra quem anda no cangaço.*

(Do romanceiro popular)

Como acontece com todos os fenômenos sociais, o *cangaço* também teve a sua época, a sua ambiência e as suas causas. Já em 1917 Gustavo Barroso, num excelente trabalho, estudou essa época, essa ambiência e essas causas com uma penetração sociológica pouco comum àquele tempo.

Situado o *habitat* do banditismo nordestino entre o vale do Cariri e o rio São Francisco, estendendo-se da serra do Quicuncá à do Martins e daí às faldas da Borborema e aos contrafortes da Baixa Verde e dos Dois Irmãos, região que aglutina as fronteiras de sete estados – Pernambuco, Bahia, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Sergipe –, o escritor nordestino soube analisar o homem e o meio para, a seu modo de ver, embora controverso, apontar as principais causas que originaram e alimentaram, por mais de cinco décadas, o flagelo do cangaço no chamado polígono das secas.

A complexidade do fenômeno não deixa de ser uma decorrência das causas também complexas que, sem

obedecer a nenhuma lei social, caminharam de braços dados com os efeitos a tal ponto que se misturaram, num processo sociológico de interação.

O clima, a fome, o analfabetismo, a cachaça, o jogo, o problema da distância relacionados com a falta de comunicação, o sadismo das forças policiais, o poder absoluto dos coronéis chefes políticos, a injustiça social e a decadência do Tribunal do Júri funcionando como *mamulengo* dos poderosos, o rígido código de honra sertanejo, o culto à bravura, a cumplicidade do homem do campo em troca de proteção, as questões de terra e tantas outras reações *psícos sociais* foram causas que motivaram os primeiros passos dos que abraçaram a vida do cangaço.

Além de Gustavo Barroso, outros sociólogos procuraram explicar o fenômeno.

Euclides da Cunha lembrou "os estigmas degenerativos das três raças".

O antropólogo baiano Nina Rodrigues chegou a afirmar que "a criminalidade do mestiço brasileiro está ligada às más condições antropológicas da mestiçagem no Brasil."

O romancista paraibano José Américo de Almeida não comunga do ponto de vista de que a falta de transporte tenha sido uma das causas do cangaço, alegando que "Lampião viajou com seu bando em caminhões e ocupou cidades servidas pelo telégrafo".

Autor de um dos melhores e mais lúcidos trabalhos sobre o *cangaço*, Rui Facó tem seu modo próprio de enfocar o problema, ajuntando às causas já mencionadas outras tantas como, por exemplo, a de que tenha sido o *cangaço* uma réplica à ruína e à decadência do latifúndio semifeudal.

*Culinária
do
cangaço*

*Meu pai fez diversas mortes
Porém não era bandido;
Matava em defesa própria
Quando se via agredido,
Pois nunca guardou desfeita
E morreu por atrevido.*

(do romanceiro popular)

Dentro desse contexto social, surge a figura de Antônio Silvino.

Filho de Pedro Rufino Batista de Almeida – mais conhecido por Batistão, de tão grande e forte que era, tendo como parentes o famigerado coronel Chico Miguel, dona Carlota, o Barão de Pajeú e Manuel Ferreira Grande, todos *cangaceiros* famosos da região – e de dona Balbina de Moraes, descendente dos Alencar, dos Feitosa, dos Moraes e dos Brilhante, que povoaram as páginas do *cangaço* nordestino – nasceu no dia 2 de novembro de 1875, em Afogados da Ingazeira, Pernambuco, Manuel Batista de Moraes, Nezinho quando menino e depois Antônio Silvino, numa homenagem ao seu mestre de trabuço Silvino Aires, não se sabendo qual a origem do Antônio.

O próprio Antônio Silvino, "de estatura mediana, robusto, moreno claro, olhos castanhos quase agateados perscrutadores, sereno, gestos lentos, com uma simpatia

natural, irrepreensivelmente asseado e cortês: confessou a Luís da Câmara Cascudo que era paraibano de nascimento e pernambucano de batismo.

Seu pai, o famoso Batistão, era um homem muito respeitado. Apesar das heranças e taras era, no começo de sua vida, um homem de bem, trabalhador, um tanto nômade, sem passar mais de um mês no mesmo lugar. Foi vaqueiro em algumas fazendas onde pouco se demorava. Gostava mesmo era de viajar, pisando o chão ressequido com suas *apragatas de rabicho*.

Mas foi na zona dos Inhamuns que conheceu, cortejou e casou com dona Balbina, quando passou a residir na fazenda de seu pai, em Pajeú de Flores, Pernambuco. Batistão procurou criar raízes, esquecendo a vida errante que levava quando solteiro, sem nunca perder um *forró* nas redondezas.

Comenta Gustavo Barroso : "Lia alguma coisa e era muito inteligente: improvisou-se rábula. Conseguiu alguns triunfos nos foros da vizinhança e logo o fizeram subdelegado de Polícia. No sertão, do criminoso à autoridade e desta àquele a distância é nenhuma. Eis por que se pode afirmar que, assumindo o posto que o governo lhe confiou, deu o pai de Antônio Silvino o primeiro passo para o crime".

"O exercício da função policial" – conclui Gustavo Barroso – "trouxe-lhe rancoroso inimigo na pessoa de um fazendeiro vizinho, conhecido como protetor de maus elementos, que o subdelegado impediu de praticar abusos, conforme costumava, fiado nos seus asseclas. Quando o Batistão deixou o cargo, ele gabou-se publicamente de pretender desfeiteá-lo".

Um belo dia, todo vestido de branco, montado no seu melhor cavalo e com o bacamarte de sua predileção, Batistão foi à feira de Água Branca. Quando chegou lá, apeou-se no hotelzinho e pediu um café; trazendo sua

xícara, a dona do *mosqueiro* lhe avisou que um *cabra* de má aparência andava à sua procura para matá-lo.

Sem perder a calma, Batistão sentou-se de frente para a porta da entrada, com o bacamarte entre os joelhos.

Quando estava levando a xícara à boca viu o *cabra*, armado, atravessando a rua e, mal entrou no hotel, foi logo apontando a espingarda que trazia. Rápido como um raio, Batistão deitou-se e sentiu ainda a bala passar de raspão na sua cabeça. Imediatamente Batistão ergueu-se, de bacamarte em punho. Um tiro soou e o *cabra* já estava viajando para a "cidade de pés juntos".

A partir desse dia, Batistão ficou conhecido como valente, destemido, *cabra macho*, até que a política entrou na estória e muitos capangas lhe armaram emboscadas das quais ele sempre escapava sem um arranhão.

Certa vez, na feira de Afogados da Ingazeira, os Ramos planejaram liquidar Batistão e, depois de cercá-lo, durante um forte tiroteio, ele morreu crivado de balas.

A família do morto processou os Ramos que, aconselhados pelo Juíz da Comarca, se entregaram à prisão. O Tribunal do Júri – um verdadeiro *mamulengo* nas mãos dos chefes políticos – absolveu todos. Mas o advogado da família de Batistão, não se conformando com a decisão, apelou da sentença e os presos foram recolhidos à Casa de Detenção no Recife.

Em janeiro de 1897, os Ramos voltaram ao sertão para responder a novo júri. No caminho, a escolta policial foi subornada pelos Chaves e os presos fugiram tranqüilamente.

Com seus vinte e um anos de idade, Antônio Silvino, "indignado com a injustiça que lhe faziam, inclinado ao crime pelas tendências herdadas e

aumentadas pela influência do meio" , revoltado com a impunidade dos matadores de seu pai, deixou-se levar pela impetuosidade de seus sentimentos espezinhados. Encontrando-se num dos milhares de atalhos da região com Manuel Cabaceira – sobrinho de um dos assassinos de seu pai – em companhia de um tal de João Rosa e dominado pela revolta que se aninhava no seu peito de sertanejo rude, perdeu a cabeça e matou os dois que nada tinham a ver com a estória. Dava, assim, o seu primeiro passo na senda do crime.

Passou a existir, desde então, mais um cangaceiro no Nordeste, obedecendo à receita de como se fazer um: injustiça social + ignorância + influência do meio + outros temperos = igual a Antônio Silvino, considerado por Gustavo Barroso como o maior vulto de criminoso dos sertões nordestinos. Demônio para uns e santo para outros.

*Um
papo-amarelo:
sangue
na
Terra
do
Sol.*

*Eu estava em Cajazeiras
A Polícia me cercou
Devido a um inimigo
Que lá me denunciou
Levei cento e vinte tiros
Nenhum deles me pegou.*

(Do romanceiro popular)

Garante um velho ditado popular muito respeitado por estas bandas do Nordeste que desgraça só quer começo.

Foi o que aconteceu com Antônio Silvino. Moço, valente, rude, sem acreditar na justiça dos homens que não punira os matadores de seu pai, ele preferiu pegar o seu *repetição*, arrumar o seu *bode*, o bisaco de balas e o punhal e viver nas caatingas, misturado com a paisagem, caminhando por atalhos, dormindo ao relento, um olho fechado e outro aberto, sempre atento ao menor ruído.

O capitão Antônio Silvino nunca foi homem de andar a cavalo, nem gostava de muita gente no seu bando, quase sempre formado por oito a dez cabras escolhidos a dedo dentre os mais valentes da região.

Seu lugar-tenente era o célebre *Cocada*, morto em combate no lugar chamado Serrinha, na Paraíba. No local de sua morte foi erguido um cruzeiro. O folclorista Evandro Rabelo quando por lá passou, constatou a presença de alguns *ex-votos*, o que faz crer que algumas

peessoas obtiveram graças por intermédio do valente cangaceiro.

Godê, Balisa, João de Banga, Rio Preto, Dois Arroz, Tempestade, Ventania, Nevoeiro, Barra Nova e Relâmpago foram os *cabras* que mais se destacaram ao lado do capitão Antônio Silvino, sempre muito elegante na sua farda de oficial da Guarda Nacional, de dourados galões.

O subdelegado Francisco Brás, homem destemido, corajoso e também conhecedor do sertão como a palma de sua mão, foi encarregado de persegui-lo. Um dia, os dois se encontraram numa várzea deserta, sozinhos. Num duelo à moda sertaneja, lutaram como dois leões, cada um que fôsse mais homem do que o outro. Só depois de muita peleja é que Francisco foi prostrado com um certo e profundo golpe de punhal no coração.

O capitão passou uns tempos sumido, escondido em alguma grotta, sarando os ferimentos recebidos na refrega. Vendo que não podia voltar a viver do seu trabalho como antes, regressou ao Surrão, contraforte da serra do Fagundes, já acompanhando o bando de Silvino Aires, com seu irmão Zeferino, *Pilão Deitado* e os *Gato*. Começaram, então, a saquer as vilas e povoados, sempre perseguidos pela Polícia. Quando a coisa estava ficando preta, o bando refugiou-se em Pajeú de Flores, levando vida calma até que Silvino Aires foi preso.

Com a prisão de Silvino Aires, Antônio Silvino assumiu o comando do grupo, com as forças policiais de Pernambuco e da Paraíba no seu encalço.

Duas vezes foi cercado em Matinhos e Fagundes pelo valente capitão José Augusto, conseguindo escapar ileso.

Em 1899 invadiu a usina do major Santos Dias na cidade de Escada, Pernambuco, e, depois de fazer muitos estragos, conseguiu fugir.

Em 1900, nas imediações do engenho Cabaças, foi cercado pelo capitão José Augusto comandando trinta e tantas praças armadas até os dentes e, depois de seis horas de fogo, deixou a Polícia brigando sozinha.

Perto do Surrão, às oito horas do dia, o capitão Antônio Silvino, foi envolvido por cento e trinta soldados das forças policiais de Pernambuco e Alagoas, comandadas pelo capitão Angelim e pelo alferes Paulino Pinto. Travou-se, então, uma verdadeira batalha. Às tantas, Antônio Silvino conseguiu abater o alferes Pinto e, aproveitando a confusão, conseguiu escapular, deixando alguns companheiros no campo de batalha, alguns mortos e outros feridos, além do *cabra* Antônio Francisco que foi feito prisioneiro e depois sangrado pela soldadesca, morrendo sem dar um gemido.

Na cidade de São José do Egito, Pernambuco, matou Sebastião Correia, seu antigo desafeto.

No Rio Grande do Norte, na fazenda Pedreira, situada no Município de Caicó, o bando foi cercado pelo tenente Tolentino. Foi um combate duro. Morreram muitos soldados e alguns cabras, entre os quais Severino Vieira, menino de quatorze anos, conhecido por sua excelente pontaria e, no dizer do capitão Antônio Silvino, o homem de mais coragem que já vira.

Sempre perseguido, Antônio Silvino fugiu para o Ceará, deixando sempre verdadeiros rastros de sangue. Matou um no Ingá, outro em Pinhões, o subdelegado Francisco Antônio Cabral em Figueira, o *rastejador* Severino em Nazaré, e ex-sargento Manuel da Paz em Mogeiro.

Em 1904, no mês de outubro, entrou na Vila do Pilar, na Paraíba, fardado de capitão da Polícia. Chegando no quartel, só encontrou um soldado e o carcereiro. Que fez Antônio Silvino? Soltou os presos, prendeu todo o destacamento inclusive o delegado que só foi poupado depois de pagar um bom resgate.

Necessitando de munição, o capitão entrou sozinho na feira de Trapiá, deixando os companheiros fora da cidade. No mercado, um cidadão perguntou se ele era Antônio Silvino. Respondendo afirmativamente, foi alvo de um tiro de garrucha à queima roupa. O capitão teve que matá-lo a golpes de punhal. Em seguida foi atingido por uma coronhada de rifle na cabeça e, sem perder os sentidos, continuou lutando sozinho contra uma porção de gente. Com os gritos do povo na feira, os cabras acudiram e varreram o pátio da feira a bala.

Em 1906 matou, em Campina, na Paraíba, Manuel Rodrigues Torres.

Em Alagoa Nova, tomou o fardamento dos soldados do destacamento e telegrafou ao Governador comunicando a façanha.

Em Serra Verde, perto de Umbuzeiro, na Paraíba, teve que matar dois soldados.

Saqueou Cabaceiras e Cachoeira de Caruaru, matando em combate os irmãos Pedro e Antônio Ferreira.

Ficando a coisa muito preta e acossado pelas perseguições que lhe moviam o alferes José Caitano e Casimiro Honório, o capitão Antônio Silvino fugiu para o Ceará. De volta, depois que o bando descansou, continuou a mesma vida de saques, surras e crimes, causando transtorno aos habitantes de Muribeca, Grossos, Gameleira, Ingá, Machados, Pinhões, São José dos Cordeiros, Lagoa do Remígio, Canafístula, Malhadinha, Cebola, Pocinhos, Araçá, Barra de Santa Rosa, São Miguel de Traipu, Juá, Periquito, Taperoá, Boa Vista e inúmeros outros lugares por onde andou.

Gustavo Barroso dedicou um capítulo de seu livro ao capitão Antônio Silvino e às suas estripulias. Seria enfadonho e desnecessário acrescentar o seu rosário de crimes.

Demônio,
sim;
anjo,
às
vezes

*Dizem que o Capitão
Antônio Silvino era
Um símbolo de malvadez
Um coração de pantera
Matava sem piedade
Como se fosse uma fera.*

*Outros dizem que ele tinha
Um coração de bondade
Que protegia a pobreza
E também a virgindade
De qualquer donzela que
Vivesse em honestidade.*

(Do romanceiro popular)

Mas, Antônio Silvino não era somente o *capitão de trabuço*, rude, sedento de vingança, semeando o pavor e a morte, invadindo propriedades, queimando malas postais e arquivos de cartórios, durante os dezoito anos em que, com seu rifle de ouro foi governador do sertão.

Como criatura humana, também tinha o seu lado bom, o reverso da medalha de sua personalidade. E foi um demônio, não resta a menor dúvida; um demônio que, às vezes, chegou a ser anjo.

Na cidade de Pilar, na Paraíba, Antônio Silvino fez o diabo. Prendeu todo o destacamento policial, o carcereiro e o Delegado. E, como estava precisando de dinheiro, foi até a casa do comerciante Pio Napoleão e obrigou o pobre do homem – mais morto do que vivo, de medo – a abrir o cofre onde estava guardada a quantia de quarenta contos de réis, uma verdadeira fortuna naquela época.

– *Se eu fosse ladrão ficava com esse dinheiro todo. Mas, não sou ladrão; estou precisando de duzentos mil réis* – quantia que botou no bolso e foi embora.

Nem ele e nem nenhum cabra do seu bando jamais faltou com o devido respeito a qualquer mulher, fosse ela velha ou moça, bonita ou feia, solteira ou casada, rica ou pobre.

O jornalista matuto Manuel Gonçalves Guerra refere-se ao seguinte fato:

Certa vez o célebre Antônio Silvino repreendeu um homem do seu bando por bater numa mulher:

– Numa mulher não se bate nem com uma flor, pois em toda mulher eu vejo o retrato de minha mãe.

"Tinha, vez por outra" – depõe Luís da Câmara Cascudo¹² – "atitudes cavalheirescas, gestos de generosidade, poupando adversários valentes, respeitando damas e donzelas, velhos, crianças e doentes, a honra da mulher casada, no acatamento devido às matronas sertanejas. Possuía, decorrentemente, amigos que o defendiam e prezavam sua amizade, evocando as ações dignas de memória. Quando o sinistro Lampião é mencionado com horror e ódio nos sertões devastados pela sua bestialidade primária, Antônio Silvino ainda mantém admiradores, na fidelidade das recordações".

Quando saqueava uma cidade, pegava todo o dinheiro de níquel e cobre, depositava numa barrica e, no pátio da matriz, distribuía aos mais necessitados.

Certa vez, no lugar Mendes, perto de Bom Jardim, Pernambuco, Antônio Silvino ia passando com os seus *cabras* quando encontrou alguns homens cavando uma sepultura no campo aberto.

Chamando o mais velho do grupo, o capitão falou:

– Lugá de s'interrá homem é no sumitero. Bicho é que s'interra no mato. Olhe uma coisa: daqui a umas três sumanas eu vou vortá aqui. S'eu não encontrá um sumitero neste lugá, eu pranto vocês todinho num buraco só. E foi embora.

Foi o cemitério que se construiu mais depressa; com pouco mais de uns dez dias, estava prontinho, sem faltar nada, o muro pintado de branco, uma capelinha e até defunto enterrado, conforme me contou uma pessoa do lugar.

Muito vaidoso, Antônio Silvino gostava de usar muita brilhantina nos seus cabelos negros, brilhantina que escorria quando o sol esquentava. Andava sempre perfumado e com os dedos cheios de grossos anéis de ouro cravejados de brilhantes. Passava dinheiro falso a rodo e Gustavo Barroso diz que, ainda hoje, não se conhece a sua procedência.

Um *papo-amarelo*, um ou mais punhais sempre longos e enfiados na cinta, uma pistola *Browning* e duas cartucheiras em forma de X, eram as armas de sua preferência.

Já era, então, o *governador do sertão*, cargo que lhe foi dado pelo povo e, como tal, passou a receber até de autoridades, provas de seu prestígio.

Em julho de 1908, nos Grossos, foi entrevistado pelo *Diário de Pernambuco*. Em 1912, tomando cerveja, conferenciou com o chefe político de São Miguel de Jucurutu e com o Juiz de Direito de Acari, no Rio Grande do Norte.

Em Conceição do Azevedo foi recebido com banda de música e foguetes pelo chefe político local. O promotor público de Serra Negra chegou a arranjar um bilhar para jogar com o capitão.

Forças *volantes* de quatro estados com uns quinhentos homens bem armados e municiados até com dinamite, perseguiram o pequeno grupo do capitão que, indignado e vendo a coisa ficar preta, passou o seguinte telegrama ao Governador da Paraíba:

Dr. Castro Pinto

Governador bandido

Não precisa reunir quatro estados para perseguir-me, pois garanto-lhe que não saio de dois, fazendo perseguição ao seu govêrno. Dr. Massa (chefe de polícia) toda perseguição que me fizer eu me vingo em sua família. Dr. José Rodrigues (secretário do Govêrno), pise milho, cesse massa e dê a esse pinto prá comer que o mal dele é fome.

(a) Antônio Silvino de Moraes

Não sei se esse telegrama tem alguma relação com o fato um tanto jocoso mencionado por Mauro Mota (14): "O telegrafista aposentado Manuel Gomes, ora residente em Olinda, conta uma estória pitoresca ocorrida no interior da Paraíba, no tempo de sua juventude. Achava-se, certa manhã, em atividade, quando, inesperadamente, chegou ao Telégrafo Antônio Silvino, acompanhado de seus *cabras*. Obrigou-o a passar um telegrama com os maiores desaforos ao Presidente do Estado, negando-se a pagar a taxa, sob alegação de que se tratava de serviço público. Em seguida, disse para que tinha vindo à cidade: sangrar um inimigo (denúncia de seus roteiros à polícia), por sinal abastado comerciante local, cuja residência exigiu sob ameaças que o telegrafista fosse indicar. Manuel Gomes não teve outro jeito: atendeu. E para ser testemunha de uma cena trágica e cômica ao mesmo tempo. Ao invadir com sua gente a casa da vítima, Antônio Silvino, já com imenso punhal desembainhado, agarrou-a pelos cabelos e concedeu-lhe ainda um minuto de vida para despedir-se da mulher. Esta caiu-lhe aos pés:

– Capitão, não mate meu marido. Tenha pena destas crianças.

– *Tá válido, foi a resposta. Mas vou dar uma boa surra neste cachorro prá ele nunca mais me traí. Cocada, me dá aí a macaca.*

Quando viu o instrumento para a desfeita ao marido, a mulher inverteu a súplica:

– *Capitão, se vai mesmo dar a surra no meu marido, é melhor matar. Mate, capitão.*

Então o marido interveio:

– *Que é isso, mulher ? Deixe ele dar a surra mesmo!*

Outra prova do lado bom, do lado às vezes anjo de sua personalidade pode ser confirmada com o fato narrado por Gustavo Barroso(15):

"Alfredo Chianca, valente fazendeiro, sozinho dentro de casa, resistiu a Antônio Silvino e seu bando. Disparou mais de vinte tiros pelas frestas abertas nas taipas das paredes. Terminada a munição, esperou-o a faca. Antônio Silvino arrombou a porta e entrou na habitação. Dirigiu-se a Chianca e estendeu-lhe a mão. O outro deixou cair o pajeú. Abraçaram-se diante da máscara sanguessedenta e admirada do impulso generoso do chefe que murmurou comovido:

– *Tu és um home !"*

*Volantes
na
Trilha
do
Cangaço*

De mim sei que, na maioria dos casos, prefiro os cangaceiros sem farda aos cangaceiros de farda. Aqueles são muitas vezes almas de aço. Estes raramente não são almas somente de lama. Gustavo Barroso.

Para que se entenda melhor o tempo e a posição de Antônio Silvino depois de haver cometido o seu primeiro crime em virtude da Justiça não haver castigado os matadores de seu pai, é preciso analisar como agiam as forças policiais nordestinas naquela época, causando mais mal do que mesmo os próprios *cabras* do cangaço que faziam até justiça com as próprias mãos, enquanto os soldados, recrutados na sarjeta, cometiam, em nome da lei, os mais hediondos crimes e as mais cruéis atrocidades.

Quando o General Benjamim Barroso chegou ao Ceará como novo Presidente da Província, encontrou um "batalhão de polícia, constituído pura e simplesmente de cangaceiros e fanáticos do Cariri, de jagunços do sr. Floro Bartolomeu, que espalhavam o pavor na capital do Estado", sob o comando do coronel Pedro Severino de Alencar, imediatamente demitido ao mesmo tempo que um decreto dissolvia o famigerado batalhão.

Homens ricos e de prestígio político como Manuel Alexandre, de Santana do Cariri, armou um bando de cangaceiros aos quais deu a missão de atravessar o sertão cearense, penetrar em território baiano, para atacar duas fazendas cujos donos foram trucidados e roubados em setenta contos de réis.

O cangaço era, assim, uma indústria que enriquecia os chefes e ganhava eleições, empiqueando os caminhos, dando pisas, rasgando os títulos dos eleitores da zona rural e até mesmo matando indefesos cidadãos que vinham à cidade com a finalidade de cumprir um dever cívico.

Em Bom Jardim, Pernambuco, em 1919, quando era governador do Estado o Dr. Manuel Borba, os chefes políticos locais – Dr. Justino da Mota Silveira e o coronel Joaquim Gonçalves da Costa Lima – não queriam perder a eleição de maneira nenhuma. A oposição mandou buscar cangaceiros no sertão e o Governo mandou uma tropa com a finalidade de "garantir o direito do voto" e ganhar a disputa política.

Era tanto soldado no sobradinho onde se localizava a Cadeia Pública e tanto cangaceiro escondido nas circunvizinhanças que os chefes políticos locais, a fim de que fosse evitada uma verdadeira batalha, resolveram fazer – como se chamavam na época – uma eleição a bico de pena. Uma ata foi lavrada e a votação foi apurada sem que nenhum eleitor votasse.

O pitoresco do fato é que houve um empate. Depois da eleição, o chefe dos cangaceiros mandou pedir ao delegado permissão para que os cabras conhecessem a cidade e, para evitar um possível encontro com os milicianos, sugeria que os soldados permanecessem no prédio onde estavam aquartelados, no que foi atendido contanto que os cangaceiros só aparecessem de dois em dois.

Em 1911, o cangaço se alastrou de tal maneira no Ceará que os políticos foram pedir ao Padre Cícero Romão Batista para servir de anjo da paz. Foi assinada a célebre ata da sessão política realizada na vila do Juazeiro, em 24 de outubro de 1911.

Continua Gustavo Barroso comentando as atrocidades praticadas pelas forças volantes no Nordeste:

A crueldade policial no Nordeste é velhíssima. Koster já nos conta que, em 1819 mais ou menos, uma autoridade matuta mandava buscar as cabeças dos indivíduos que devia prender! O professor Ximenes de Aragão narra nas suas Memórias que um tal Andrade, juiz na Uruburetama, Ceará, em 1824, fuzilava pessoalmente os presos. Para os *quebra-quilos* aprisionados, havia os coletes de couro molhado que se lhes cosiam por cima dos braços. Isto em meado do último século. Ao sol, aquela camisa-de-força engelhava-se, tolhia a respiração. Os homens deixavam-se cair sem fôlego. Tangiam-nos a pau e a relho!

Liberato Nóbrega, delegado de Polícia de Teixeira, Paraíba, acabou sendo terrível cangaceiro. Um dos célebres bandoleiros paraibanos do grupo dos Guabirabas, João, morreu apunhalado pelos policiais que o capturaram. Em 1873, perecia com as armas na mão o celebrado cangaceiro José Brilhante, perseguindo uma quadrilha de ladrões de cavalo, cujo chefe era o delegado de polícia do lugar!

Em 1877, – prossegue Gustavo Barroso:

... a polícia paraibana e atacou a fazenda do pai de Jesuino Brilhante para servir a fins políticos, matou-lhe a tiro o irmão, Lúcio Alves, deu uma surra de coronha de espingarda na mulher do mesmo, invadiu a casa, danificou os móveis, roubou o que pode e levou o velho e outro filho presos, maltratando-os até os atirar na cadeia da cidade de Pombal.

Em mil oitocentos e oitenta e tantos – continua Gustavo Barroso:

... Athayde, delegado de Polícia no interior do Piauí, mandava açoitarem pelos soldados do destacamento a pano de sabre, diante da casa da namorada deste, um rapaz que lhe caíra no desagrado.

Foi um subdelegado de polícia quem assassinou, em janeiro de 1896, Batistão, pai de Antonio Silvino. Como o Governo não puniu esse homicida, o filho recorreu ao bacamarte e se fez cangaceiro.

Não há muitos anos, na luta entre Carvalhos e Pereiras, sertão pernambucano, um oficial de polícia, partidário dos primeiros surpreendeu na estrada de Belmonte o jovem Sebastião Pereira, rapaz morigerado, e obrigou-o, cercado-o de carabinas e baionetas, a engolir três cigarros acesos. Antes, depredara fazendas e vilas, e surrara outros Pereiras. Sebastião, para vingar-se da afronta, matou-o de tocaia e tornou-se um cangaceiro terrível.

Um dos jornais de Fortaleza, *O Progresso*, na edição referente ao dia 3 de julho de 1927, publicou:

Há menos de dois meses atrás, um grupo de facínoras, tendo à frente o terrível bandido Antonio Jerimum, atacou inopinadamente a residência do coronel Joaquim Solano. A heróica polícia seguiu no encalço dos famigerados, matando dois homens dos que obedeciam ao tal Jerimum. Animados por este sucesso, os nossos policiais revestidos com a couraça da barbaridade e convencidos dos seus deveres partiram para Arneiroz, de onde trouxeram um indivíduo que se chamava Asa-Branca. O valente cabo Joaquim Maria foi o chefe da canoa, que além de maltratar o criminoso que levava em sua companhia, manchou de sangue a farda da nossa Polícia.

Retirado o bandido da infecta cadeia de Arneiroz, rumaram em direção a Tauá. Depois de uma longa caminhada cheia de trabalhos penosos, porque a cada passo que davam esbofeteavam a pobre vítima, chegaram

afinal à Barra do Piriú, onde se arrancharam. Aí, em lugar de minorar, ou melhor, diminuir os seus padecimentos, pelo contrário os aumentaram. Os valorosos soldados que mantêm a ordem naquela infeliz região levaram as suas violências ao extremo. Tiraram-lhe os olhos e em seguida obrigaram-no a caminhar.

Mas essa crueldade não é coisa assim tão remota.

Em 1946, foi assassinado, no engenho Maravilha, Município de Bom Jardim, Pernambuco, o sr. Severino Nilo de Albuquerque Queiroz. De passagem pelo local e sob o comando de um tenente da polícia pernambucana, a volante prendeu o trabalhador rural Gerson Domingos da Rocha que confessou o crime com uma riqueza de detalhes impressionante. E, na qualidade de advogado de ofício, fui nomeado seu defensor. Alguns dias depois fui à Cadeia Pública e, conversando com o meu constituinte falei da necessidade que tinha, como seu advogado, de saber toda a verdade, isto é, como realmente acontecera o crime, para que pudesse fundamentar sua defesa. O preso, todo dolorido, me disse que era o autor do crime, repetindo a mesma estória que já constava do inquérito policial. Mas, qualquer coisa me dizia que ele era inocente; a estória estava tão arrumadinha, tão urdida, que eu não estava certo de sua responsabilidade criminal.

Alguns meses depois, ouvidas as testemunhas de *ouvir dizer*, apresentadas as razões de defesa e de acusação, já prestes a ir a Júri, fui chamado pelo Dr. José Albino de Aguiar, Juiz de Direito da Comarca, que me mostrou um telegrama do delegado de Campina Grande, na Paraíba, comunicando que João Paulo da Silva, às portas da morte em conseqüência de ferimentos recebidos em luta corporal com um seu desafeto, confessara haver assassinado o sr. Severino Nilo de Albuquerque Queiroz, no Engenho Maravilha.

Peguei o telegrama e fui até a Cadeia Pública. Chamei o preso e novamente perguntei se ele havia assassinado o sr. José Nilo. Ele contou a mesma estória que constava do inquérito policial e do processo, com a mesma riqueza de detalhes. Foi então que li o telegrama. Quando terminei, o pobre do homem, criando alma nova, disse:

– *Graças a Deus, agora estou livre !*

– *Mas – perguntei – por que você confessou a autoria do crime ?*

– *Ah ! doutor. O Tenente da volante depois de me dar uma pisa, passou uma corda fina por cima de um galho de árvore, amarrou uma ponta nos meus escrotos e começou a puxar a outra ponta. Cada vez que ele puxava, a dor era cada vez maior. Eu já estava que não agüentava mais. Então, resolvi confessar a morte do homem.*

No mesmo dia, fiz uma petição ao Dr. Juiz de Direito pedindo a soltura do inocente.

A partir daquele momento arrefeceram dentro de mim o entusiasmo como advogado e a fé que eu tinha na Justiça. Na Justiça que não podia ser feita quando alicerçada na lama e no sadismo que ainda mora no coração de muita gente.

Vencidos
e
vencedores

Com o decorrer do tempo, o capitão Antônio Silvino já não era mais o mesmo homem forte e cheio de vida quando deixou a família e o trabalho para vingar a morte de seu pai. Estava cansado de tanto palmilhar o chão duro e quente do Nordeste, de tanto lutar para sobreviver, de tanto fugir dos *macacos* cada vez mais numerosos e mais sanguinários em seu encalço, de tanto sobressalto e noites mal dormidas. Cada dia que se passava a coisa ia ficando mais preta, seu corpo mais cansado, sua consciência mais intranquila. Começou a sentir saudade de sua família, de sua plantação de milho e algodão, da rede armada no alpendre.

Bem que ele pediu ao padre Almeida (Esperança, Paraíba), ao padre José Paulino e ao padre Custódio (Santa – Luzia do Sabuji, Paraíba) para arranjam o seu indulto, logo quando começou sua vida no cangaço. O resultado foi um acordo, em 1912, entre os estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, para acabar com o cangaço de qualquer maneira. Nunca se viu tanto *macaco* e tanta volante no sertão.

O acordo fez com que o capitão ficasse ainda mais furioso e, sem esperança de voltar à vida normal, teve a sua fase mais cruel. Praticou misérias em represália ao procedimento das volantes quando pegavam um de seus cabras. Deu surras, incendiou casas de coiteiros e coletorias estaduais, cortou fios do telégrafo, o diabo a quatro.

Em Araruna, o padre José Paulino, chefiando um grupo de paroquianos, prendeu Relâmpago e Cobra Verde que estavam exigindo dinheiro e mantimentos numa casa comercial e, como não havia nenhum processo contra eles, foram entregues ao capitão Augusto de Lima e ao alferes Irineu Rangel que os fuzilaram num atalho deserto. O capitão perdeu a cabeça.

Dominado pelo ódio, jurou vingar seus dois cabras assassinados tão covardemente, vingança que não chegou a ser feita porque o capitão Augusto de Lima foi morto numa tocaia por outro cangaceiro que não era do seu bando.

Quando, numa das inúmeras incursões pelo sertão pernambucano, seu grupo saqueou a bodega de José Alvino de Queiroz que, revoltado, jurou vingança e entrou para a Polícia de Pernambuco, ganhando em pouco tempo as divisas de sargento.

Mas, vamos deixar Leonardo Mota contar como o capitão Antônio Silvino – o governador do sertão, o rifle de ouro – foi feito prisioneiro:

Inteirado de que Silvino transitaria por certa faixa do Município de Taquaritinga, o sargento Alvino buscou informações de João Vicente e Joaquim Pedro, moradores naquelas paragens. Ambos negaram a pés juntos ter qualquer conhecimento a respeito. Mas, tão jeitosamente o miliciano conduziu as investigações, que a esposa de João Vicente o orientou:

– Quando o Sr. chegar à casa do nosso vizinho, o Joaquim Pedro, e encontrar as mulheres torrando galinhas ou fazendo comedoria de sobra, pode apertar o pessoal que o capitão Antônio Silvino está escondido perto, no mato...

No dia esperado, 27 de novembro de 1914, os policiais, sob o comando do alferes Teófanês Tôres e do sargento José Alvino, estavam no local referido, de nome Lagoa Lage.

Assim que penetrou na residência de Joaquim Pedro, o sargento Alvino se encaminhou diretamente para a cozinha, atrás de cuja porta se lhe deparou pendurada uma banda de ovelha. E viu chegar desconfiado, pelo quintal, um rapazola com um tabuleiro à cabeça, cheio de tigelas, colheres e pratos. Interrogado, o recém-vindo explicou, titubeante, que havia ido deixar comida a uns trabalhadores, num roçado.

Concomitantemente, o alferes Teófanês submetia Joaquim Pedro a interrogatório, e este negava que soubesse do paradeiro de Silvino.

Aparece o sargento e, depois de falar na ovelha morta e de mostrar o tabuleiro com os restos da comida, pede permissão para forçar o velho sertanejo a não continuar mentindo. Ato contínuo, tranca-lhe, numa alcova, a mulher e os filhos e ordena que os soldados desembainhem os sabres.

Nesse momento, mais nervosa, uma filha do ameaçado pede, da alcova:

– Meu pai, por caridade, descubra logo...

Joaquim Pedro roga que não lhe batam e justifica-se, alegando que logo não disse a verdade por temer a vingança de Silvino, no caso de a Polícia o não prender ou matar. E confessa que o celerado está escondido não longe dali.

Eram cinco horas da tarde e urgia assaltar os cangaceiros, antes que a noite sobreviesse.

Sob as ameaças de ser liquidado, se desse o menor sinal aos bandidos, Joaquim Pedro vai mostrar o esconderijo deles. Com todas as precauções imagináveis, a tropa se aproxima da malta criminoso.

Antônio Silvino estava deitado numa pedra, sobre a qual se debruçava copada oitica. Perto, divertiam-se alguns de seus cabras, a jogar um sete-e-meio. Ao ouvir a primeira descarga, Silvino gritou, motejante:

— Espera aí, rapaziada! Deixem, ao meno, os menino acabar esta mão!

Mas o fogo irrompeu violento e sem intermitência, dos dois lados.

Com o cair da noite, o tiroteio deixou de ser correspondido. O Alferes Teófanês e o sargento Alvino acreditaram que Silvino tivesse fugido. Suspeitando, todavia, que ele se quisesse vingar de Joaquim Pedro, foram entrincheirar-se na casa deste.

Coisa bem diversa se passava. Silvino fôra atingido por uma bala nas espáduas e o seu companheiro Joaquim Moura tivera quebrado uma perna. Os demais cangaceiros se embrenharam, desorientados, na caatinga, favorecidos pelo negrume da noite.

Estando a perder muito sangue, Silvino tentou convencer Joaquim Moura a se entregar, mas este repelira a proposta e, depois de dizer que os "macacos do Governo não tinha o gosto de botar as mãos em riba de mim, eu vivo", suicidou-se com um tiro na cabeça.

Impressionado ainda mais com o trágico fim do último assecla que lhe restava, Silvino despojou-se das armas e arrastou-se para a casa da mulher que ele ignorava tivesse sido quem o denunciara. O marido dela, João Vicente, a estava censurando por sua leviandade, persuadido de que Silvino, sabedor da denúncia, lhes não perdoaria.

De repente, batem à porta. Quando, de fora, uma voz anuncia que quem bate é Antônio Silvino, João Vicente encomenda a alma a Deus, convicto de que vai morrer. É sua mulher quem se afoita a atender ao chamamento.

Ao se abrir a porta, aparece, à luz da lamparina, o vulto do grande salteador. Quase desfalecido e com as vestes rubras de sangue, Silvino está escorado no portal.

— Capitão, que horror é este?

— Mataram-me... arqueja aquele que, acovardado, começava a expiar crimes sem conta.

Conduzido a uma rede, ele pede que chamem a polícia. Vai alguém a Taquaritinga, mas não encontra lá os soldados. Na confusão em que todos se viam, ninguém a princípio se apercebeu de que os policiais poderiam estar pernoitando na fazenda de Joaquim Pedro. À mulher de João Vicente ocorre agora essa possibilidade. Despacham para ali o portador. Quando este bate à porta de Joaquim Pedro, os soldados aperram as armas, crentes de que é Silvino quem chega. Aberta a muito custo uma janela, o mensageiro dá conta de sua incumbência: vem avisar que Antônio Silvino, sozinho desarmado e gravemente ferido, está em casa de João Vicente e quer entregar-se à prisão. O alferes Teófanês suspeita que se trate de uma cilada e opina que se aguarde o raiar do dia. Tanto insiste, porém, o sargento Alvino que, afinal, o seu comandante se dispõe a ir ver Silvino. Ainda assim, o recadista vai seguro pelo cóis e advertido que receberá uma punhalada, ao primeiro tiro com que a tropa seja surpreendida.

Cercada com cautelas a moradia de João Vicente, houve grande alegria, quando se patenteou aos olhos de seus perseguidores a mísera situação daquele que se gabava de que embora sem saber ler, governava todo o sertão! O sargento Alvino parecia o mais contente. Exigiu que se não fizesse o menor mal a Antônio Silvino e saiu, pelos matos, a cortar umas folhas de quixabeira para lhe lavar as feridas.

Há também os que asseguram que o capitão só foi preso devido à traição de um de seus cabras.

Rodrigues de Carvalho¹, comentando as crueldades cometidas pelo capitão Teófanês Tôrres, em 1918, historia:

Esse oficial era aquele mesmo felizardo Teófanês a quem quatro anos antes, num caso providencial havia elevado do posto de simples alferes aos altos degraus do oficialato. Foi quando no dia 27 de novembro de 1914, em lugar denominado Lagoa Lage, no município de Taquaritinga, lograra capturar Antônio Silvino, gravemente

ferido pela bala traiçoeira do seu apaniguado Joaquim Moura. Este, cabra genioso, havia-se desentendido com o bandoleiro-chefe momentos antes por causa de um jogo de cartas a que se achavam entregues quando a polícia apareceu. Aproveitou a confusão estabelecida pelos disparos do inimigo, sendo o seu primeiro tiro desfechado contra Silvino, ferindo-o gravemente. A pequena tropa fizera fogo de uma distância enorme, da qual não seria possível atingir ninguém e de lá mesmo pôs-se em fuga, sem tomar conhecimento do que porventura tivesse acontecido. Quanto a Joaquim Moura, nem seria preciso dizer que, na mesma hora fora justicado pelos comparsas, pagando com a vida a sua deslealdade.

A prisão de Antônio Silvino teve uma repercussão enorme em todo o país e foi primeira página nos jornais recifenses durante alguns dias.

Conta Oscar Melo que:

O dr. Maurício Wanderley, chefe de Polícia, ao ter ciência da prisão de Antônio Silvino, levou o fato ao conhecimento do governador General Dantas Barreto, ficando acertada a ida daquela autoridade a Taquaritinga, o que se realizou na noite daquele mesmo dia. O chefe de Polícia partiu da Estação Central, da Great Western, pelas dez horas da noite, conduzindo a seguinte comitiva: Major João Santiago Ramos, seu oficial de gabinete; dr. Frederico Cúrio, médico legista da Polícia; e os repórteres Leovigildo Junior, do *Jornal do Recife*; Armando Boudoux, do *Diário de Pernambuco*; Oscar Melo de *A Província* e Francisco Pinheiro, do *Correio do Norte*. O trem chegou em Caruaru pela madrugada às 2 e 45 minutos. Verdadeira multidão aguardava a chegada do comboio, uma vez que a população já havia tido notícias da captura de Antônio Silvino e do seu transporte para aquela cidade. Depois de pequeno descanso o chefe de Polícia e sua comitiva seguiram, destino a Taquaritinga, montados a cavalo. No povoado de Torres verificou-se o encontro daquela autoridade com o alferes Teófanês, que vinha escoltando

o bandido para Caruaru. Antônio Silvino demonstrava sério acalunhamento e ao defrontar-se com o dr. Maurício Wanderley, pediu-lhe para poupar a sua vida. Cerca das 5 horas, o bandoleiro era transportado para o Recife, no mesmo trem especial, chegando às 7 e 45, na estação das Cinco Pontas onde se encontrava grande multidão, a fim de conhecer o chefe do grupo de criminosos. Também estava presente uma grande força policial, que impedia o contato dos curiosos com o facinora. Antônio Silvino foi conduzido em carro fechado da polícia cercado pela cavalaria, para a Casa de Detenção. Por esse feito, o alfares Teófanês Torres foi recebido em audiência especial pelo general Dantas Barreto, que o felicitou, comunicando-lhe a sua promoção ao posto de tenente e do sargento José Alvino ao de alferes. Fez ainda ciente ao tenente Teófanês Torres haver-lhe concedido três meses de soldo. Os soldados da volante, daquele oficial, foram promovidos a cabo.

O capitão Antônio Silvino estava vencido. Não era mais aquele homem valente e destemido, nem o governador do sertão e o rifle de ouro que durante quase duas décadas semeou o mal e o bem nos carrascais do Nordeste. Deixou de ser o Robin Hood com sua repetição de catorze tiros e seu punhal de doze polegadas, o herói popular e o mito, o justiceiro e o vingador, o terror e o medo.

Agora, em sua cela na Casa de Detenção, era apenas um número. Um *carcará* nordestino na gaiola da Lei.

*Um
místico
à
procura
do
sol*

Como num passe de mágica, a Lei transformou o capitão Antônio Silvino numa série de algarismos.

Em sua cela, na Casa de Detenção do Recife, sem poder caminhar dezoito léguas em vinte e quatro horas como habitualmente fazia, "montado no dedo grande e chamando os miudinhos" conforme disse a Luís da Câmara Cascudo numa das diversas vezes que o visitou, o capitão sentia-se como um pássaro sem asas sofrendo a tortura da liberdade perdida. Vaidoso como sempre foi, andando cheiroso e envergando sua vistosa farda de tenente-coronel cheia de galões dourados, ele vestia, agora, uma farda diferente: a dos sentenciados, de listras, como uma zebra.

O capitão agora era o número 959, condenado a trinta anos de prisão e, conforme J. Rodrigues de Carvalho, transformou-se em "um místico que procura o sol e nas grades da prisão lê a Bíblia e cria pássaros carinhosamente". Para distrair-se, fazia rebenques de rabo de cavalo e gaiolas de passarinho que mandava

vender nas feiras, ou meditava enquanto os dias se passavam, todos iguais, sem paisagem, como grãos de areia na ampulheta do tempo.

Como era bem comportado, chegou a exercer, segundo o depoimento do escritor Jayme Griz, as funções de chaveiro de um dos raios da penitenciária.

Cumprida boa parte da pena, foi indultado em 1937, indo residir na cidade de Campina Grande, na Paraíba, na companhia de parentes.

Escreveu, então, ao Presidente da República, solicitando uma mesada "em recompensa aos relevantes serviços prestados à minha pátria no saneamento moral do Norte" , indo trabalhar, como diarista, na construção da rodovia Rio – Bahia.

Não satisfeito com sua situação funcional, o capitão fez uma carta ao romancista José Américo de Almeida²⁴ quando ainda era Ministro do Tribunal de Contas, nos seguintes termos:

Muriae, 26 de abril de 1939.

Exmo. Sr. Dr. José Américo de Almeida.

D.D. Membro do Tribunal de Contas.

Saudações cordiais.

Tendo pedido ao Sr. Presidente da República uma mesada em recompensa aos relevantes serviços prestados a' minha pátria no saneamento moral do Norte e na educação de cinco filhos criados na penitenciária, hoje incorporados ao Exército Nacional, o Sr. Presidente entendeu melhor dar-me trabalho na construção da estrada Rio – Salvador, com escritório nesta cidade. A vida aqui não é barata como dizem, motivo por que meu ordenado não vem dando para as minhas despesas necessárias e, além disso, sou funcionário diarista, ganhando apenas vinte e cinco dias em cada mês.

Venho apelar para V. Excia., meu grande coestaduano e chefe político de toda a minha família e de numerosos amigos, a fim de pedir a valiosa intervenção de V. Excia. para que eu passe a receber no mínimo 20\$000 por dia e seja promovido a mensalista, pois estando já em avançada idade não mais poderei trabalhar daqui há pouco, resultando daí ficar desamparado e sem poder me valer do direito de aposentadoria.

Esperando ser atendido, antecipadamente agradeço e apresento a V. Excia. protestos de elevada estima e consideração.

*De V. Excia. Amo. Cr. Ato.
(a) Manuel Batista de Moraes
Antônio Silvino*

Não sei se o autor de *A Bagaceira* encontrou alguma solução para o problema que tanto angustiava a velhice do velho capitão.

O local e a data da morte de Antônio Silvino, bem como sua idade eram pontos controversos.

O mestre Luís da Câmara Cascudo diz que capitão morreu em agosto de 1944, em Campina Grande, Paraíba.

Já o poeta popular Manoel Camilo – que é o seu biógrafo clássico no romanceiro de cordel – afirma que:

*Mesmo com setenta anos
Antônio Silvino findou-se
No ano quarenta e seis
O seu dia aproximou-se
Em casa de sua prima
Longe dos filhos acabou-se.*

O jornalista Oscar Melo, naturalmente por informações de ouvir dizer, dá o capitão como falecido na cidade do Rio de Janeiro e no ano de 1954.

E Rodrigues de Carvalho , que escreveu um ótimo trabalho sobre o cangaço no nordeste brasileiro (não confundir com J. Rodrigues de Carvalho, autor de Cancioneiro do Norte) também se engana quando afirma que o capitão faleceu em outubro de 1944, com sessenta e nove anos de idade.

Mas, a certidão que me foi fornecida por Severino Cavalcanti Júnior, Escrivão do Registro Civil do 1º Cartório da Comarca de Campina Grande, Estado da Paraíba, esclarece que Manuel Batista de Moraes, também conhecido por Antônio Silvino, pernambucano, filho de Pedro Rufino de Almeida e Balbina Pereira de Moraes, solteiro, faleceu às dezenove horas do dia vinte e oito de julho de mil novecentos e quarenta e quatro, à Rua Arrojado Lisboa, naquela cidade, em consequência de glomérulo nefrite crônica – Uremia – , conforme atestado firmado pelo Dr. Bezerra de Carvalho, com setenta e dois anos de idade, deixando oito filhos naturais: José, Manoel, José Batista, José Moraes, Severina, Severino, Isaura e Damiana.

Conta Manoel Camilo que:

*Confessou-se dias antes
A conselho de alguém
Morreu contrito e rezando
Inda disseram também
Leram o Salmo dos Infernos
O qual respondia Amém.*

E conclui: "Antônio Silvino não morreu de morte trágica, morreu em paz, demonstrando que os bens que fez superaram os males que praticara."

*A
gesta
heróica
no
romanceiro
de
cordel*

A coragem de Antônio Silvino virou notícia, correu de boca em boca, atravessando serras e caatingas nas asas do vento; notícias contando suas bravatas, seus feitos heróicos e bárbaros, suas fugas quando, muitas vezes, cercado pela polícia – numérica e belicamente superior – depois de passar dias e mais dias escondidos nos carascais, comendo semente de fava branca, de mocó ou de pau-pedra, rastejando como cascável, notícias transformando o capitão num herói tão amado quanto temido, num Robin Hood que houvesse trocado sua besta e suas flechas por um repetição de quatorze tiros e um punhal de doze polegadas. Um herói cujos feitos foram cantados pelos menestréis sertanejos que incorporaram sua odisséia à literatura de cordel, com seus folhetos lidos à luz dos candeeiros de querosene depois de um longo dia de trabalho no campo.

A presença da figura um tanto carismática de Antônio Silvino na literatura de cordel assume proporções gigantescas e, daí, a impossibilidade de se organizar uma

bibliografia completa uma vez que, apesar de Mário de Andrade, desde 1927, haver sentido o valor dos folhetos populares, somente há pouco é que os sociólogos perceberam sua importância, como meio de comunicação e que significam, conforme salienta Renato Carneiro Campos uma "maneira de ver e analisar os fatos sociais, políticos e religiosos, fotografada nas páginas dos folhetos, denunciando costumes, atitudes, preferências e julgamento. Valiosas informações de interesse histórico, etnográfico e sociológico, são fixadas nesse cada dia mais influente meio de comunicação tão estimado pela nossa gente".

A coleção de folhetos do etnólogo Evandro Rabelo é um das mais completas e valiosas que se conhece, não somente pelo número de exemplares que atinge a casa dos mil e setecentos como também por dela constarem várias matrizes xilográficas conhecidas por *tacos* que ilustram as capas dos folhetos de José Costa Leite, Antônio Mulatinho, Caitano Cosme da Silva e outros, muitos folhetos raros e até mesmo alguns manuscritos. E, nessa magnífica coleção, fui encontrar subsídios para mostrar como Antônio Silvino foi assunto de tantos títulos, contando fatos que realmente aconteceram ou não, numa prova da imaginação fecunda dos poetas populares no endeusamento do seu herói.

O poeta popular paraibano João Martins de Athayde – considerado pelo antropólogo Waldemar Valente como o "mais antigo e conhecido dos trovadores nordestinos, a quem não será favor chamar-se de Príncipe dos Poetas Populares do Norte do Brasil, que é sertanejo de nascimento, e no sertão viveu parte de sua vida, sofrendo toda essa angústia e esse tormento que fazem o sertanejo digno de nossa admiração" – publicou, em 1948, o seu *O Nascimento de Antônio Silvino*, onde fala pela boca do capitão:

*Diz minha mãe que nasci
Num dia de quarta-feira
Quando foram dar-me banho
Foi visto pela parteira
Que tinha em minha cintura
A marca da cartucheira*

*Dias depois minha mãe
Divulgou outro sinal
Em meu lado esquerdo um rifle
Se divulgou afinal
Na palma da mão direita
Visivelmente um punhal.*

Talvez o mais importante folheto de feira sobre Antônio Silvino seja *O Grande e Verdadeiro Romance de Antônio Silvino*, do poeta popular paraibano Manoel Camilo que, nas suas quarenta páginas, conta o nascimento, a vida e a morte do Governador do Sertão, invocando, de início, o testemunho de diversas pessoas:

*Deus me deu o dom poético
Pensamento e um bom tino
Poristo eu quero pedir
Ao grande Deus Divino
P'ra versejar toda a história
Do célebre Antônio Silvino.*

*Cuja história fora escrita
Já por mais de um poeta
Porém nenhum inda fez
Essa história bem correta
Poristo eu vou escrevê-la
Toda numa linha reta.*

*Esta aqui posso afirmar
Que é a mais verdadeira
Pois para isto eu fiz
Uma pesquisa certa
Com muitos que conheceram
De Silvino a vida inteira.*

*Estes informantes foram
Ido e Antônio Azevedo
João Francisco da Silva
E Joaquim Bento Tancredo
Antônio Souza e Zé Bento
Zé Barreto e João Valfredo.*

*Antônio e Vicente Paulo
Seu Nô e Manuel Vieira
Senhor Horeste Fialho
E seu Janúncio Ferreira
Todos esses são pessoas
Cada qual mais verdadeira.*

*Ainda entrevistei
O tenente Guilhermino
E o velho Manuel Martins
E Antônio Laurentino
E a senhora Teudulina
Prima de Antônio Silvino.*

Em *As Bravuras de Antônio Silvino em Honra de um Velho Amigo*, o poeta João José da Silva, num folheto de dezesseis páginas, nos conta a estória do coronel João Machado com o capitão. Descrevendo a ruindade do coronel, diz:

*Esse coronel que falo
Era o terror do sertão
Dava surra na pobreza
Sem nenhuma precisão
Matava qualquer vivente
E não tinha compaixão.*

*Se passasse um morador
Por ele e desse bom-dia
Com o chapéu na cabeça
Na mesma hora sofria
Uma pisa de macaca
E um banho de água fria.*

*Um dia passou um pobre
E como não deu a hora
Ele mandou um capanga
Agarrá-lo sem demora
Esse tal com os pés dele
Não pode mais ir embora.*

Acontece que um agricultor chamado Agostinho, amigo de Antônio Silvino, morava perto do coronel e tinha uma filha chamada Salomé:

*Parecia a deusa Venus
Olhar atraente e lindo
Lábios de cor purpurina
Vivia sempre sorrindo
Como que fosse uma deusa
No cume do monte Pindo.*

O coronel Machado tinha um filho perverso e malvado chamado Julião, acostumado a *passar no papo* as filhas mais bonitas dos moradores do lugar. Um dia, Julião encontrou Salomé que tinha ido buscar água na cacimba e, à força, depois que a mocinha desmaiou, deflorou-a. Em casa, banhada em lágrimas, a bela Salomé contou a seu pai sua desdita. O velho Agostinho foi falar com o coronel Machado, exigindo que Julião reparasse sua falta:

*O coronel respondeu-lhe
Quem tiver cabrita prenda-a
Eu tenho uma trancada
Para que ninguém ofenda-a
Mas o bode come solto
Quem tiver marrã defenda-a.*

Foi então que o coronel mandou pegar o velho Agostinho que, amarrado numa estaca, levou uma surra de *macaca* e um banho de água fria. O caso chegou aos ouvidos de Antônio Silvino que, com os seus cabras, espumando por tudo quanto era lugar, foi à fazenda do coronel onde se travou uma verdadeira batalha:

*O coronel João Machado
Entrou na luta também
Contra Antônio Silvino
E bala vai bala vem
O fumaceiro cobriu
Que não se via ninguém.*

A estória terminou com Antônio Silvino levando Julião e Salomé para casar na Igreja.

Entra em jogo a imaginação dos poetas populares fazendo ficção na literatura de cordel. Assim, Francisco

Alves Martins, num folheto de dezesseis páginas, descreve o encontro de Antônio Silvino e o Negro Currupião. João Martins Athayde narra *Como Antônio Silvino fez o Diabo Chocar*. José Costa Leite, poeta popular pernambucano de muitas obras e autor de quase todos os tacos das capas de seus folhetos e que mereceu – sua arte de poeta e de gravador – um álbum organizado por Evandro Rabelo e Vital Fernandes, com excelente estudo de Ariano Suassuna; José Costa Leite é autor de dois folhetos intitulados *A Briga de Antônio Silvino com Lapião no Inferno* e *Encontro de Lampião com Antônio Silvino*, ambos considerados médios nas suas dezesseis páginas. João José da Silva publicou *Uma das Maiores Proezas que Antônio Silvino fez no Sertão Pernambucano*, folheto de vinte e quatro páginas. Severino Cesário, também tido como um poeta do agrado do povo, escreveu *O Encontro de Antônio Silvino com o Valente Nicácio na Vila de Trapiá*. Luís Rodrigues Lira no seu folheto médio *As bravuras de Antônio Silvino e um Casamento Trágico*, mostra o capitão sempre defendendo a honra das donzelas. Na ficção da literatura de cordel João Martins de Athayde contribuiu com *Dizem que Antônio Silvino Procura Obter a Liberdade Comprometendo-se a Prender Lampião* e *A Vizão de Antônio Silvino*, folhetos médios de dezesseis páginas.

O célebre Leandro Gomes de Barros (1868-1918), segundo Luís da Câmara Cascudo "viveu exclusivamente de escrever versos populares inventando desafios entre cantadores, arquitetando romances, narrando as aventuras de Antônio Silvino, comentando fatos, fazendo sátiras. Escreveu mais de mil folhetos." Do mestre Leandro, consta da coleção de Evandro Rabelo *As Lágrimas de Antônio Silvino por Tempestade*, que era um dos seus cabras mais valentes:

*Estava virgem de chorar
Nessa minha pouca idade
Porque até o presente
Não tinha necessidade,
Mas a hora foi chegada
Botei luto por Cocada
Soluzei por tempestade.*

*Perdi um rifle de ouro,
Um punhal de confiança,
Fuzil que não mente fogo,
– Que perna de segurança!
Piloto destro no giro,
Cabra que nunca errou tiro,
A fala dele era – avança!*

Também da autoria de Leandro Gomes de Barros, "que continua sendo o mais lido de todos os escritores populares" – é o folheto intitulado *Exclamações de Antônio Silvino na Cadeia*, de tamanho médio, onde o capitão chora a liberdade perdida:

*Ontem eu era condor
Voava pelo espaço
Dispunha de asas ligeiras
Com garras de puro aço
Agora sem ter licença
Não movo mais nem um braço.*

*Desta masmorra hoje envio
Um adeus ao meu sertão
Apenas para mostrá-lo
Um sinal de gratidão
Também creio em poucos dias
Meus crimes me acabarão.*

*Envio um adeus às serras
Terra, pedra, árvores em maça
A brisa que pelos campos
Naquela floresta passa
Tudo isso é testemunha
Da minha eterna desgraça.*

Ainda de Leandro Gomes, Leonardo Mota menciona os seguintes folhetos sobre as proezas de Antônio Silvino: *Antônio Silvino, o Rei dos Cangaceiros, A luta do Diabo com Antônio Silvino, Conselhos de Antônio Silvino aos outros Cangaceiros, Antônio Silvino e o Pai Dele, A Ira e a Vida de Antônio Silvino, O Orçamento de Antônio Silvino, Os Planos de Antônio Silvino, Projetos de Antônio Silvino, O Cerco de Antônio Silvino e Antônio Silvino no Juri de Olinda.*

Em 1955, João Martins de Athayde volta a escrever sobre Antônio Silvino, publicando um folheto médio sob o título *A Prisão do Célebre Antônio Silvino*, dizendo como foi preso o Governador do Sertão, depois de muitas peripécias, muita bala e muita traição.

O advogado de Antônio Silvino, em *Antônio Silvino no Júri – Debates de Seu Advogado*, folheto de José Bernardo da Silva, dezesseis páginas, publicado em Juazeiro do Norte, em 1957, fala:

*Senhores, Antônio Silvino
Não fez tudo que se diz
Todos nós estamos ao par
Do nosso povo do nosso país
Que vendo pobre com o peso
Diz: carrega esse infeliz.*

*Eu não me refiro a isso
Porque seja interessado
E nem adoto o sistema*

*De um faminto advogado
Falo porque tenho pena
De um infeliz desgraçado.*

*Eu não defendo essa causa
Interessado em dinheiro
Porque que fortuna tem
Um pobre prisioneiro ?
Venho por ter tantos lobos
Ao redor de um cordeiro.*

*Por exemplo: uma hipótese
Pedro disse que fulano
Lhe disse que lhe disseram
Que Pedro matou beltrano
Nesse processo de Paulo
Não pode dar-se um engano?*

*Parece que um ente desses
Cumpra a ordem do destino
Eu ouço falar em crimes
Cometidos por Silvino
Quando talvez o pai dele
Ainda fosse menino!*

Paraibano de Teixeira, Francisco das Chagas Batista (1885-1929), autor de mais de cem folhetos e irmão de Sabino Batista que foi fundador da Padaria Espiritual de Fortaleza, também cantou em seus versos a bravura do Rifle de Ouro. Sobre ele, afirma Luís da Câmara Cascudo : "A gesta de Antônio Silvino possui em Chagas Batista um dos melhores e decisivos elementos." De sua autoria é o folheto *O Interrogatório de Antônio Silvino*, publicado em Juazeiro, no Ceará, no qual o famoso cangaceiro procura justificar seus crimes:

*Meu avô foi muito rico
E meu pai foi abastado
Mas não mandou me educar
Porque onde eu fui criado
O povo não apreciava
O homem civilizado.*

*Ali se apreciava muito
Um cantador um vaqueiro
Um amansador de poldro
Que seja bem catigueiro
Um homem que mata onça
Ou então um cangaceiro.*

*Meu pai fez diversas mortes
Porém nunca foi bandido
Matava em defesa própria
Quando se via agredido
Pois nunca guardou desfeita
E morreu por atrevido.*

*Não foi tanto por instinto
Mas sim por uma vingança
Por que mataram meu pai
Minha única esperança
E eu vingar sua morte
Para mim era uma herança.*

*Eu chamei pela justiça
Esta não quis me escutar
Me vali do bacamarte
Vi esse me auxiliar
Nele achei todas as penas
Que um código pode encerrar.*

*Da
realidade
à
literatura
de
ficção*

Não foi somente na literatura de cordel que o capitão Antônio Silvino se constituiu tema para tantos poetas populares que, em seus folhetos vendidos nas feiras das pequenas cidades, vilas, povoados e até mesmo nos grandes centros, glosaram sua atribulada vida no cangaço, tendo sempre os *macacos* no seu encalço e os atalhos, os serrotes de pedras e as grotas por morada. Cada estripulia do *capitão*, cada fuga sorradeira, cada tiroteio, cada justiça que ele fazia, era mais um folheto, impresso em velhas e rudimentares máquinas de madeira chamadas "gangorras" que o povo lia num tempo em que os jornais da capital gastavam mais de um mês para chegar ao sertão e as escolas, em pequeno número, não eram nem risonhas nem francas e, quase sempre, privilégio dos mais abastados.

Não obstante o *capitão* ser, constantemente, assunto, os poetas populares – muitos dos quais viviam de fazer versos e vender folhetos criaram um espécie de

ficção na literatura de cordel, imaginando, por conta própria, situações até mesmo inteiramente impossíveis mas apreciadas, como no caso do enredo do folheto *A Briga de Antônio Silvino com Lampião no Inferno*, de José da Costa Leite e tantos outros.

Alguns romancistas brasileiros, e dos melhores, principalmente os nascidos na região onde o cangaço foi uma constante de ordem social, como aconteceu com Permínio Asfora e José Lins do Rêgo, transpuseram para as páginas de seus romances e através de seus personagens, a figura e a vida do capitão, também gozando sempre do mesmo conceito de bom, de corajoso e de justo, predominâncias constatadas em todos os folhetos de feiras escritos sobre ele.

Piauiense de nascimento, paraibano de infância e adolescência, mas pernambucano de formação, Permínio Asfora fixou, nas páginas de um de seus romances – *Vento Nordeste* – a influência exercida pelo célebre cangaceiro sobre a população rural do mundo de Sapé, com a polícia na maioria das vezes a serviço dos ricos e abastados senhores de engenho, fazendeiros e comerciantes, manobrada pelos coronéis chefes-políticos municipais.

Fala o personagem Américo:

– *Você tem razão. Eles têm medo que se pelam de cangaceiro. No tempo de Antônio Silvino, tinham a quem respeitar. Conheço um camarada de Pernambuco que foi morar em Sapé. Quando chegou, se aboletou perto da estação, fornecia dormente à Great Western. Naquela época Sapé tinha duas ou três casas, me lembro. Esse sujeito ganhou tanto dinheiro em negócio de dormente que pôde comprar o engenho Buraco. Ficou senhor de engenho. Como o nome de Buraco não era bonito, mudou para Nossa Senhora da Conceição, a padroeira de Sapé. Construiu sobrado de varanda. A primeira casa de*

negócio de Sapé foi dele. A sorte com os filhos é igual à de Flávio: gastou uma fortuna nos colégios e não formou nenhum. Foi só ficar rico tratou de querer pisar todo mundo. Nem parecia que tinha sido pobre em Palmares. Mas só grimpou até o dia em que Antônio Silvino quis. Um dia o bandido entrou na loja dele, tirou-lhe a goga. Foi um salseiro.

Distribuiu fazenda com o pessoal da rua. Quem não se escondeu, ganhou roupa nova. O senhor de engenho quis ficar zangado; o cangaceiro segurou-lhe o bigode e disse: "Você não nega que tem cabelo de gente ruim". Tudo para enfezar, porque o homem era branco. O bando fechou a povoação várias vezes, a quizila dele era com rico. No povoado do Sobrado, a uma légua de Sapé, Silvino tomou dinheiro de outro proprietário. Lagoa Cercada ficava no caminho. De passagem, Antônio Silvino aproveitava e pegava coronel Uchoa em Lagoa Cercada. No íntimo, o povo de Sapé gostava. Embora infelicitasse muita gente, Silvino às vezes cismava de perseguir ricos.

– E a polícia ? – inquiriu, satisfeito, Severino.

– A polícia de Sapé tinha um cabo como chefe do destacamento. Quando este cabo sabia que Antônio Silvino vinha lá pela fábrica, perna prá que te quero. O cangaceiro não respeitava tamanho. Bateu uma noite em Maçangana, tomou dinheiro do coronel Trombone. Trombone era deputado. Silvino chegou no engenho, mandou o grupo descansar no terreiro da casa-grande. José Francisco de Paula Cavalcanti, que é o nome verdadeiro do coronel, com aquelas pernas compridas, moreno, espigado, cabelos ralos, conversava baixo. Mesa de muita fartura. Festa de Maçangana arrastava gente da ribeira toda. A mesa da casa-grande tomava a sala de um lado a outro. Nunca deixou de estar cheia na hora da comida. Mas Antônio Silvino queria dinheiro. Conhece o coronel Trombone, seu Severino?

– *Conheço, quem não conhece? Nunca falei com ele, que é graúdo, mas de vista não há quem não conheça.*

– *Pois o coronel disse a Silvino: "Capitão, eu vou dizer ao Presidente do Estado que o senhor esteve aqui no meu engenho. Como deputado eu sou obrigado". Antônio Silvino achou graça e sentou para tomar o café gordo. Jogou as esporas em cima do banco e debicou: "O coronel tanto tem medo dos macacos como dos cangaceiros." Os animais pastavam soltos, os cabras davam cangapé no Rio Paraíba, saltavam da ponte do Cobé".*

Prossegue o romancista mais adiante:

– *Pior foi no Pilar. Já ouviu falar no comendador Joaquim Napoleão? Mandava e desmandava no Pilar. Mas quem é de lá sabe que ele comeu da banda ruim. Uma vez Quinca Napoleão enganou-se e passou uma nota falsa a Antônio Silvino, no meio de um bocado de dinheiro. Foram dizer a Silvino que Quinca Napoleão andava dizendo que pegara o besta, que Silvino tinha engolido a nota como um pato. O cangaceiro voltou ao Pilar num dia de feira e quase acaba a vila. Solto os presos, prendeu os soldados, subiu no sobrado de Quinca e abriu o cofre. O que havia de jóia guardou no bolso. De cima mesmo do sobrado jogava dinheiro na rua. Achatou uma barrica de bacalhau cheia de dinheiro na calçada. Corria patacão desses grandes de dois mil réis prá todo lado. Aquilo foi para aliviar os crimes que praticava pelo meio do mundo. Quinca Napoleão foi chorar nos pés de Trombone".*

Cada escritor tem a sua obra-prima escolhida pelo julgamento dos críticos literários, seu melhor livro. Com José Lins do Rego acontece a exceção da regra; ele não tem a sua obra-prima, o seu melhor livro. É um dos poucos escritores brasileiros que têm obras-primas.

Seus romances do Ciclo da Cana-de-Açúcar atravessarão os tempos como retrato perfeito de uma região, encerrando em suas páginas todo um complexo sócio-cultural, num estilo suave como as águas do rio Paraíba depois de uma internada, com toda a doçura de quem foi criado à sombra da casa-grande de um engenho, com os canaviais açoitados pelo vento, os carros de boi gemendo nas estradas de massapê, o boeiro soltando fumaça e dominando a paisagem.

Em uma dessas suas obras-primas que é *Menino de Engenho*, o romancista José Lins do Rego conta, através do personagem Carlinhos, uma visita que o capitão Antônio Silvino fez ao engenho do avô:

Uma tarde, chegou um portador num cavalo cansado de tanto correr, com um bilhete para o meu avô. Era um recado do Coronel Anísio, de Cana Brava, prevenindo que Antônio Silvino naquela noite estaria entre nós. A casa toda ficou debaixo do pavor.

O nome do cangaceiro era bastante para mudar o tom de uma conversa. Falava-se dele baixinho, em cochicho, como se o vento pudesse levar as palavras.

Para os meninos, a presença de Antônio Silvino era como se fôsse a de um rei das nossas histórias, que nos marcasse uma visita. Um dos brinquedos preferidos era até o de fingirmos de bando de cangaceiros, com espadas de pau e cacetes no ombro, e o mais forte dos nossos fazendo de Antônio Silvino.

Naquela noite íamos tê-lo em carne e osso. Meu avô é que era o mesmo. Aquele seu ar de tranqüilidade poucas vezes eu via alterar. A velha Sinhazinha para dentro e para fora, nas suas ordens para o jantar, gritando para os negros e os moleques com a mesma arrogância incontestável. Tia Maria ficava no seu quarto a rezar. Tinha muito medo dessa gente que vivia no crime. Quando me viu a seu lado, abraçou-me chorando.

Não havia, porém, perigo de espécie alguma. Antônio Silvino vinha ao engenho em visita de cortesia. Um ano antes ele estivera na vila de Pilar noutro caráter. Fora ali para receber o pagamento de uma nota falsa que o Coronel Napoleão lhe passara. E não encontrando o velho, vingara-se nos seus bens com uma fúria de vendaval. Sacudiu para a rua tudo o que era da loja, e quando não teve mais nada a desperdiçar, jogou do sobrado abaixo uma barrica de dinheiro para o povo. Mas com meu avô, o bandido não tinha rixa alguma. Naquela noite viria fazer a sua primeira visita.

À noitinha chegava o bando à porta da casa-grande. Vinha Antônio Silvino na frente; os seus doze homens a distância. Subiu a calçada como um chefe, apertou a mão do meu avô com um sorriso na boca. Levado para a sala de visita, os cabras ficaram enfileirados na banda de fora, numa ordem de colegiais. Só ele tomava intimidade com os de casa. Ficávamos nós, os meninos, numa admiração de olhos compridos para o nosso herói, para o seu punhal enorme, os seus dedos cheios de anéis de ouro e a medalha com pedras de brilhante que trazia no peito. O seu rifle, pequeno, não o deixava, trazendo-o entre os joelhos.

À hora do jantar foram todos para a mesa. Ele na cabeceira, e os cabras em ordem, todos calados, como se estivessem com medo. Só ele falava, contava histórias – o último cerco que os *macacos* lhe deram em Cachoeira de Cebola – numa fala de tataro, querendo fazer-se de muito engraçado.

Alta noite foi-se com o seu bando. Para mim tinha perdido um bocado de prestígio. Eu o fazia outro, arrogante e impetuoso, e aquela fala bamba viera desmanchar em mim a figura do herói.

No outro dia o meu primo Silvino nos contou que tinha se lembrado de dizer ao cangaceiro que a Tinha Sinhazinha não gostava dele. É que nos falavam sempre de uma velha que Antônio Silvino fizera dançar nua, dando umbigadas num pé de cardeiro, por motivo semelhante. Se isso tivesse acontecido com a velha Sinhazinha, os moleques, as negras e os meninos do Santa Rosa teriam dormido uma noite de grande.

Também em *Fogo Morto* – que é outra obra-prima – o romancista José Lins do Rego continuou registrando a presença de Antônio Silvino na zona canavieira da Paraíba, a influência que exerceu não somente sobre alguns abastados senhores de engenho seus amigos e o prestígio quase carismático que gozava entre os humildes. Não obstante tratar-se de um romance – e romance de um autor que pôs muito de sua pessoa, de sua gente e de sua zona em sua obra de ficção – observa-se o registro de fatos que são mencionados por outros estudiosos do assunto.

De tanto que o Capitão aparece em *Fogo Morto*, citar todos os trechos seria transcrever quase todo o romance, principalmente sua terceira parte. Mas, anotamos o encontro do italiano Pascoal com Antônio Silvino (págs. 288-289) que queria votar no Capitão numa eleição: "Por que não voto nele? Porque é cangaceiro, porque anda por aí atacando os ricos? Os bichões da ribeira dão banquete a ele como governador, andam cheirando a bunda dele". Depois, a prisão de Pascoal (pág. 299): "A tropa pegara Pascoal Italiano e fora com ele a um banho de facão". A perseguição ao negro Salvador (pág. 299), "que fora preso também para interrogatório e contaram que saíra da cadeia com as mãos inchadas de bolos". Até o velho Vitorino Papa-Rabo (pág. 302) ficou indignado com os maus tratos sofridos pelo italiano: "Vi o homem que faz pena, meu cómpadre. Polícia de bandidos. É por isto que o povo está com o Capitão Antônio Silvino".

Quem gostava do Capitão era José Passarinho (pág. 303): "O Capitão Antônio Silvino voltava a tomar conta de seus pensamentos. Admirava a vida errante daquele homem, dando tiroteios, protegendo os pobres, tomando dos ricos".

O mestre José Amaro (pág. 306), escutava o amigo Alípio contando o cerco do Ingá, do qual o Capitão conseguira escapar por causa da reza forte que ele sabia.

O cego Torquato (pág. 308) encontrou o Capitão na estrada nova e dele recebeu uma esmola: "Nunca tive tanto dinheiro na mão."

O seleiro José Amaro (pág. 318), comenta: "Diziam que o Capitão Antônio Silvino não dava em padre, não bulia nas coisas da Igreja porque fora pedido de sua mãe". O amor do cangaceiro por sua mãe já foi mencionado pelo jornalista Manuel Gonçalves Guerra.

O ataque de Antônio Silvino à cidade do Pilar (págs. 429/430) aconteceu numa noite de escuro:

... Antônio Silvino atacou o Pilar. Não houve resistência nenhuma. A guarda da cadeia correria aos primeiros tiros, e os poucos soldados do destacamento ganharam o mato às primeiras notícias do assalto, os cangaceiros soltaram os presos, cortaram os fios do telégrafo da estrada de ferro e foram à casa do prefeito Napoleão para arrasá-lo. O comendador não estava no Pilar. Mas D. Inês, a sua mulher, recebeu-os com uma coragem de espantar. O Capitão Antônio Silvino pediu as chaves do cofre e ela, com o maior sangue-frio, foi-lhe dizendo que tudo que era de chave de responsabilidade estava com o marido. O cangaceiro ameaçou botar fogo no estabelecimento e D. Inês não se mostrara atemorizada. Era uma mulher pequena, de cabelos brancos, de olhos vivos. Fizesse ele o que bem quisesse. E ficou na sala de visita tranqüila, muda, enquanto os homens mexiam nos quartos, furavam os colchões, atrás do dinheiro do velho Napoleão. Havia dois caixões cheios de níqueis, de moedas de cruzado, de tostões. O cofre, num canto da casa, enraivecia o Capitão Antônio Silvino. Ameaçou a mulher, mandava-lha passar o couro, e ela muito calma, só dizia que nada podia fazer. Era uma mulher muito fraca, não tinha jeito para se defender. O povo

estava à porta da loja, esperando os acontecimentos. As luzes do sobrado do prefeito enchiam a casa, como em noite de festa. Depois, o Capitão Antônio Silvino baixou para a casa de comércio, abriu as portas largas, e mandou que todos entrassem. Ia dar tudo que era do comendador aos pobres.

Foi uma festa. Peças de fazenda, carretéis de linha, chapéus, mantas de carne, sacos de farinha, latas de querosene, fogos do ar, candeeiros, tudo distribuído como por encanto. Mais tarde, o capitão chegou à varanda e gritou: – Podem encher a barriga. Este ladrão que fugiu, me mandou denunciar ao governo. Agora estou dando um ensino neste cachorro. E em seguida mandou sacudir os dois caixões de níqueis no meio da rua. O povo caiu em cima das moedas como galinha em milho de terreiro. O sobrado, todo iluminado, era, na noite escura, como de um conto de fadas. Dona Inês lá dentro, sentada num grande sofá, parecia que não era senhora de todos aqueles bens que se consumiam à toa. De madrugada, o cangaceiro saiu com o seu grupo. Então, quando se viu longe da pressão, a velha, como água que rompesse um balde de açude, caiu num pranto desesperado, em soluções que enchiam a rua de pena. O povo ainda catava os níqueis, pela areia. Havia mulheres de peneira, como se estivessem pescando de jereré. Um silêncio de morte caiu sobre a vila. A cadeia de portas escancaradas. O delegado José Medeiros havia sido agredido por um dos cabras; o juiz municipal, Dr. Samuel, se escondera na casa do padre. A madrugada chegou para um Pilar desperto, com os pobres com as mercadorias do rico da terra, como uma fartura que viesse do céu. O Capitão Antônio Silvino sabia agradecer. Todos o tinham na conta de pai dos pobres.

Disseram ao Capitão que o Coronel Lula de Holanda, senhor de engenho do Santa Fé, tinha muito ouro enterrado dentro da casa (pág. 470/476). Um belo dia Antônio Silvino apareceu e apertou o coronel Lula para mostrar o lugar da botija. Revolveram a casa toda. Fizeram buracos dentro de casa. Até o Capitão Vitorino

Papa-Rabo que aparecera para defender o coronel Lula entrou no cipó-de-boi. E a coisa teria ficado mais preta ainda se o coronel José Paulino, do Santa Rosa, não tivesse aparecido por lá e explicado que tudo não passava de uma invenção do povo.

A polícia não sabia o que fazer. O Capitão tinha muitos amigos entre os graúdos que lhe davam pousada, alimento, armas e munições. E como não podia apertar os senhores de engenho, pegava os pequenos, dava surras, para descobrir o esconderijo do Capitão. A volante do Tenente Maurício pegou o cego Torquato (págs. 481/2): "os gritos do cego enchiam a vila de pavor."

Referências Bibliográficas

- 1 BARROSO, Gustavo. *Heróis e Bandidos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1917.
- 2 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967.
- 3 RODRIGUES, Nina. *As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil*. Salvador, 1957.
- 4 ALMEIDA, José Américo de. *A Paraíba e Seus Problemas*. Porto Alegre, 1937.
- 5 FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos*. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro, 1965.
- 6 CASCUDO, Luís da Câmara. *Flor dos Romances Trágicos*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966.
- 7 BARROSO, Gustavo. *Almas de Lama e de Aço*. São Paulo: Companhia de Melhoramentos de São Paulo, 1930.
- 8 BARROSO, Gustavo. *Heróis e Bandidos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1917.
- 9 BARROSO, Gustavo. Ob. cit.
- 10 BARROSO, Gustavo. Ob. cit.
- 11 GUERRA, Manoel Gonçalves. *Juventude*, maio, 1962.
- 12 CASCUDO, Luís da Câmara. *Flor dos Romances Trágicos*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966.
- 13 *Pacotilha*, 30/1/1913.
- 14 MOTA, Mauro. *Paisagem das Secas*. Recife: IJNPS, 1958.
- 15 BARROSO, Gustavo. Ob. cit.

- 16 BARROSO, Barroso. *Almas de Lama e de Aço*. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1930.
- 17 BARROSO, Gustavo. Ob. cit.
- 18 MOTA, Leonardo. *No Tempo de Lampião*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967.
- 19 RODRIGUES DE CARVALHO. *Serrote Preto*. Rio de Janeiro: Sociedade Editora e Gráfica Ltda, 1961.
- 20 MELO, Oscar. *Recife Sangrento* (4ª edição). Recife, 1956.
- 21 CASCUDO, Luís da Câmara. Ob. cit.
- 22 CARVALHO, J. Rodrigues de. *O Cancioneiro do Norte* (3ª edição). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1967.
- 23 MOTA, Mauro. Ob. cit.
- 24 MOTA, Mauro. Ob. cit.
- 25 CASCUDO, Luís da Câmara. Ob. cit.
- 26 CAMILO, Manoel. *O Grande e Verdadeiro Romance de Antônio Silvino*. Campina Grande, Paraíba, s/d.
- 27 MELO, Oscar. Ob. cit.
- 28 CARVALHO, J. Rodrigues de. Ob. cit.
- 29 CAMILO, Manoel. Ob. cit.
- 30 CAMPOS, Renato Carneiro. *Folhetos Populares na Zona dos Engenhos de Pernambuco*. Recife: IJNPS. Recife, 1957.
- 31 ATHAYDE, João Martins de. *O Trovador do Nordeste*. Recife, 1937.
- 32 CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e Cantadores*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968.
- 33 CASCUDO, Luís da Câmara. Ob. cit.
- 34 MOTA, Leonardo. *Voleiros do Norte*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.
- 35 CASCUDO, Luís da Câmara. Ob. cit.
- 36 ASFORA, Permínio. *Vento Nordeste*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1957.
- 37 REGO, José Lins do. *Menino de Engenho* (Romances Reunidos e Ilustrados). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1960.
- 38 REGO, José Lins do. *Fogo Morto* (Romances Reunidos e Ilustrados). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1960.
- 39 GUERRA, Manoel Gonçalves. Ob. cit.

Depoimentos

I

Quando menino, em companhia de meus pais, passei um mês em Batalhão, hoje Taperoá, sertão paraibano, na fazenda de meu tio Joaquim Coura. Tio Quincas, como mamãe o chamava, era amigo de Antônio Silvino, que o visitava toda vez que ía a Batalhão.

Tive oportunidade de conhecer pessoalmente o célebre cangaceiro, numa de suas visitas à fazenda de meu tio. Lembro-me, perfeitamente, do seu físico: alto, forte, amplo bigode, voz mansa, falando pouco. Naquele tempo estava no auge de sua fama.

Depois, já rapaz, fui vê-lo na Casa de Detenção. Ainda estava forte, embora com ar triste. Na prisão, aprendeu a fazer gaiolas, que vendia para as feiras de passarinhos. Tornou-se espírita, vivendo tranqüilamente, com um comportamento exemplar, aparentando arrependimento.

Disciplinado e ordeiro, não lhe foi difícil obter a liberdade condicional, indo morar na Rua Velha, onde o via sempre, sentado à calçada, conversando com amigos ou com simples curiosos que desejavam falar com o homem que durante muitos anos foi o terror dos sertões nordestinos.

Waldemar Valente, antropólogo

II

Em 1920, eu fazia jornalismo na imprensa da capital, atuando no Jornal Pequeno, no Jornal do Recife e noutros periódicos.

Certa vez, falei com Samuel Rios que era o diretor da Casa de Detenção do Recife, manifestando o desejo de visitar Antônio Silvino, o famoso capitão de quem tanto ouvira falar quando menino em férias no engenho Liberdade, do meu avô, em Bonito. O diretor da penitenciária foi logo me avisando:

– Ele não gosta de jornalista. Ficava muito magoado quando os jornais falavam no bandido Antônio Silvino. Bandido, no sertão, é quem mata por dinheiro. Se você quiser saber alguma coisa da vida dele não diga que é jornalista e vá cuidando logo de comprar um queijo. Ele é doido por queijo do reino.

Comprei um Borboleta dos bons e fui visitar o Capitão que, segundo informações de Samuel Rios, exercia as funções de chaveiro de um dos raios da penitenciária, em virtude de seu bom comportamento.

Encontrei um homem já idoso, muito forte ainda. Conversamos bastante sobre diversos assuntos e, principalmente, sobre sua vida no cangaço. Ele sempre repetiu que não era um criminoso por querer; foi obrigado a matar para se defender, depois de vingar a morte de seu pai.

Quis saber por que inúmeras vezes, quando cercado pelas volantes, sempre conseguia fugir. O velho capitão explicou:

– É preciso saber que um homem é para outro. Dois? Vamos ver. Três ? É tropa e podemos correr.

Foi na prisão que aprendeu a ler. Vivia pegado com a Bíblia nos momentos de folga. Conseguiu amansar uma rolinha sertaneja que pousava no seu ombro.

Lembro-me, também, depois de ficar calado algum tempo e num tom místico, destas suas palavras:

– Só tinha medo de mim quem tinha contas para prestar a Deus.

Jayme Griz, poeta, folclorista

III

No ano de 1903, morava na Rua do Meio, explorando uma mercearia, José Bernardino, alcunhado de Zumba. Parte do seu comércio era a venda de leite que ele mandava buscar, todas as manhãs, na fazenda de Serafim Tavares, em Bom Sucesso.

Era portador o moleque Antônio Felix que saía nas tardes com as garrafas vazias, para retornar na manhã do dia seguinte com elas cheias, acomodadas num caixão.

Antônio Felix deu para inventar desculpas de que algumas garrafas haviam sido quebradas. E a constância com que o fazia, em determinadas épocas, fez Zumba suspeitar estivesse o moleque vendendo-as pelo caminho. Até que um dia Antônio Felix chegou mais de dez horas, com todas as garrafas sem uma gota de leite, e contando uma estória que, de nenhum modo, satisfez ao comerciante, cujo remédio foi apanhar o seu portador, dando-lhe uma surra que revoltou os habitantes da Rua do Meio, seus vizinhos.

Desapareceu Antônio Felix e logo se soube de tudo, na realidade. O leite, o moleque dava-o aos cabras de Antônio Silvino, amoitados entre Bom Sucesso e Limoeiro. Soube-se porque foi o próprio Antônio Felix quem passou a integrar o bando de malfetores, sob a alcunha de Tempestade.

E foi Tempestade, junto com outro cabra valente, do mesmo grupo, Cocada, quem mais deu trabalho à polícia.

Antônio Felix, já aí, Tempestade, comandou o assassinato de Duda Malheiros e de Joaquim Gonçalves. Foi Tempestade quem levou Antônio Silvino ao engenho Parnaso, pegando o coronel Afonso de Sá desprevenido.

Antônio Silvino era muito amigo de Honório Correia de Oliveira, dos tempos de Santa Maria. Honório, naquele lugar, era sanfoneiro e tocava para ele dançar. Também era barbeiro e dentista. Por sinal vimos seu mostruário de dentes de raiz, enormes gravatás, que ele extirpava com seu boticão e mostrava como troféu de suas vitórias. Solto, Antônio Silvino esteve quase dois meses em Limoeiro, na casa de Honório.

Um dia, chegou à porta da Gazeta, de Belisário Gurgel do Amaral e, quando ia entrando, o velho Gruja, de cara pálida e trancada, não lhe permitiu entrar, dizendo com voz tremelicada: – "Esta casa é de um seu inimigo." O velho parou. Repontou a fera que, amortecida, havia dentro de si. Recuou e prosseguiu a caminhada sentindo ferir-lhe mais esta humilhação na velhice que quando moço jamais recebera.

Saimos nas pegadas de Antônio Silvino e, bem no oitão da Matriz, conseguimos entrevistá-lo.

Não confirmou o seu propósito de invadir Limoeiro. Nem se responsabilizou pela morte de Duda Malheiros e Joaquim Gonçalves, declarando ter sido caluniado, o que pode ser verdade, desde que aqueles dois proprietários tinham inimigos com cobertura política. Antônio Silvino teria sido o véu que cobria a culpabilidade anônima. Referiu-se a Tempestade como moleque valente e não deixou de condenar Cocada, que foi fraco debaixo do cacete, descobrindo todos os planos em pauta para uma ação mais agressiva contra inimigos de quem, naquele tempo, desejava vingança. Espírita, manso, mas reclamando uma vida amarga fora da prisão, achando que o governo devia assegurar sua subsistência, Antônio

Silvino, neste roteiro sentimental por terras de Limoeiro, era uma alma vencida e desiludida.

Achavam alguns que ele era um cabra malvado, mofino e traiçoeiro. Esta versão parece não corresponder à verdade. Antônio Silvino era disposto e disso dera provas. O Capitão José Alvino, que o prendeu e por muitos anos, residindo em Surubim, vinha a Limoeiro e narrava as peripécias do famoso bandoleiro, atestava que ele era disposto e, na hora de brigar, se tornava uma fera. Apenas, a sua grande qualidade era a prudência que se transformava na sua maior valentia. Antônio Silvino só entrava em combate quando certo de que seu esquema tático havia sido bem testado. Sem esta certeza, ele fugia dos cercos, evitava lutar, com isso dando a impressão de covarde ou tímido.

Antônio Vilaça, escritor

IV

Meu avô Demétrio Alves de Queiroz já anda perto dos noventa anos. Quando eu era um menino ele me contou que, em 1910, quando negociava com secos e molhados na cidade de Pocinhos, na Paraíba, o bando de Antônio Silvino estava muito ativo. As cidades do interior paraibano viviam sempre à espera de uma visita do capitão. Tanto era assim que os vigários das paróquias costumavam tocar o sino das igrejas e capelas quando os cangaceiros se aproximavam do lugar, para que o povo fechasse suas portas ou se escondesse nas matas até que o perigo passasse. Em Pocinhos, acontecia a mesma coisa.

Certo dia um vaqueiro chegou correndo, esbaforido, quase botando a alma pela boca para avisar que um grupo de cangaceiros se aproximava da cidade. O padre chamou o sacristão e mandou tocar o sino da Matriz e tudo quanto foi gente correu para se esconder.

Meu avô Demétrio, que sempre foi um homem de coragem, não fechou as suas portas nem abandonou a cidade. E, quando os cabras chegaram, Antônio Silvino entrou na única casa aberta, a casa do meu avô.

– Bom dia, amigo!

– Bom dia, capitão.

– Podia me dizer por que vosmecê foi a única pessoa deste lugar que nem fugiu e nem fechou as portas da sua casa ? Será que vosmecê não tem medo de mim?

Meu avô, sem pestanejar, respondeu:

– Não, capitão; vosmecê não é bicho para se ter medo...

Antônio Silvino olhou para o meu avô, demoradamente, da cabeça aos pés e falou:

– Tá certo, amigo. Vosmecê podia mandar preparar um-de-comer para minha tropa? É pouca gente e tudo estropiado e com fome braba.

Meu avô chamou vovó Elisa e mandou que ela preparasse comida para os cabras: uma manta de carne-do-ceará, um alquidar de farofa, meio saco de pão e uma panela de café. Quando estava tudo pronto, meu avô chamou Antônio Silvino e seu pessoal para almoçar.

Metade do bando entrou com o capitão e a outra metade ficou de sentinela, na rua. À mesa, só quem falava era o capitão; os cabras comiam calados, com muito respeito. Minha avó, coitada, tremia que só vara verde.

Quando todos almoçaram e acenderam seus cachimbos ou cigarros enrolados em palha de milho seco, Antônio Silvino agradeceu e, na saída, deu de presente ao meu avô um rifle papo-amarelo que ainda hoje meu avô tem no engenho Borborema, Município de Borborema, na Paraíba.

Desde então, quando o capitão passava em Pocinhos, sempre pedia comida para sua gente.

Alguns anos depois, meu avô foi nomeado Delegado de Polícia e participou de volantes que perseguiram Lampião.

José Dilson Rosas de Queiroz, comerciante, Recife.

V

Manoel Batista de Moraes ficou conhecido na história do cangaceirismo como Antônio Silvino.

Foi identificado na polícia sob o nº 1.122.

Seu prontuário na Casa de Detenção do Recife foi o nº 959.

Foi recolhido à Casa de Detenção do Recife em 1º de dezembro de 1914.

A ação criminosa de Antônio Silvino foi anterior à de Lampião, temível por seu sadismo.

O cangaceiro Antônio Silvino foi processado em seis comarcas, em vinte e seis processos. Foi condenado a duzentos e trinta e seis anos e oito meses. Se alguns processos não estivessem prescritos, a sua pena seria de setecentos e noventa anos.

Os júris foram realizados na cidade de Olinda.

O bandoleiro era afamado pela precisão na pontaria. Era ousado e teve ocasião de mandar um telegrama ao Governador da Paraíba ao se aproximar trinta quilômetros da Capital do Estado.

Antônio Silvino era solteiro.

Quando o bandido se aproximava das cidades, telegrafava para as autoridades fazendo piadas.

Passou mais de vinte e dois anos na Casa de Detenção do Recife.

O presidente Getúlio Vargas perdoou o restante da pena.

Aziz Francisco Elihimas, advogado criminalista, conferencista, membro do Instituto Histórico de Olinda.

Glossário

APRAGATA DE RABICHO. Segundo Aurélio Buarque de Holanda¹, "apragata, s.f. (Bras.). (Pop.). (V. alparca.). Alparca: s.f., sandália, calçado que se prende ao pé por meio de tiras de couro ou de pano. Sinôn: alparcata, alpargata, alpercata, apragata, pracata, pragata, loré." *A apragata de rabicho* ainda é bastante usada no sertão. *Rabicho* é a tira de couro que fica entre o dedão do pé e o vizinho.

BACAMARTE. O sociólogo Olímpio Bonald Neto² fez, em 1965, para o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, do Recife, uma excelente pesquisa sobre os bacamarteiros. Trata-se de um trabalho até então inédito em relação ao assunto, onde vamos encontrar toda a história do bacamarte e dos bacamarteiros – grupos de homens do interior que, ainda hoje, principalmente na cidade de Caruaru, costumam festejar o São João, hábito de mais de um século. Vindo de Portugal para as suas tropas, usado na guerra do Paraguai e pelos

primeiros cangaceiros, bacamarte é "uma arma de fogo, de cano curto e largo, reparada em coronha". Tem diversos nomes: *bacamarte boca-de-sino* (de cano curto e afunilado), *reúna*, *riúno*, *granadeira*. O trabalho do escritor pernambucano além de ser o único trabalho publicado sobre o assunto ainda tem a qualidade de esgotar completamente o motivo de sua excelente pesquisa.

BANHO DE FACÃO. Surra dada com um sabre – arma branca, média, usada pela polícia de diversos estados nordestinos.

BISACO. s.m. (Bras., Nordeste): "Bornal; mochila. O *Vocabulário da Academia Brasileira*, o dicionário de Laudelino Freire, a 10ª edição do de Moraes, etc., não registraram essa forma e sim bisaco", comenta Aurélio Buarque de Holanda. É no *bisaco* ou *bornal* que os trabalhadores do campo, no sertão, conduzem o *pai de fogo*, o rolo de fumo e onde os caçadores conduzem o chumbo, a bucha, a pólvora e as espoletas de suas espingardas. Pereira da Costa consigna: "Embornal, saco, mochila: Bati a mão no bisaco. E logo o fumo lhe dei. (*Cancioneiro do Norte*).

BODE. Farnel do sertanejo quando trabalha longe de casa, constando, geralmente, de farinha de mandioca, charque assada e um pedaço de rapadura.

BOLO. Castigo que se dava aos escravos, aos criminosos, para confessarem seus crimes e aos escolares mal comportados, com uma palmatória de madeira. Os mais sádicos, os mais malvados, punham na palma da mão de suas vítimas, antes do golpe, alguns caroços de milho com a finalidade de aumentar ainda mais a dor.

BOTANDO A ALMA PELA BOCA. Diz-se de uma pessoa que, depois de dar uma carreira, chega esbaforida, ofegante, com o coração batendo descompassadamente.

BOTIJA. Vasilha de barro ou de metal onde, antigamente, quando ainda não existiam os bancos e para não serem roubadas, as pessoas, no interior e até mesmo nas cidades, guardavam dinheiro e jóias, depois do que enterravam num determinado lugar. Diz o povo que, morrendo essa pessoa, sem ter tempo de desenterrar a vasilha, sua alma ficava penando até que alguém, depois de receber a visita da aparição, desenterrasse a botija, ato que tem um ritual a ser cumprido à risca, sem o que nada será encontrado. O mestre Luís da Câmara Cascudo elucida o assunto.

CACETE. Bordão, porrete.

CACIMBA. Segundo Renato Mendonça é "um poço artificial ou escavação para atingir lençóis d'água subterrâneos. Etim.: do quimbundo *Kixima*, poço, com substituição do prefixo Ki por Ka e evolução do xi para ci. (A Chatilain, *Folk-Tales*, pág. 230). M. Soares diz que vem não de Kixima bundo antigo e sim do atual, cacimba ou cacimbo, poço, fonte, composto de ca dim. + cimbo, denominação dada aos lugares onde se encontra água, cavando poços. (Dicionário, separata de 1889). Área geográfica: África Portuguesa e Norte do Brasil".

CANGACEIRO. Registra Pereira da Costa : "Malfeitor reunido em quadrilha, que infesta as estradas do interior, atacando os viajantes, e até mesmo as propriedades e os povoados, retirando-se com os despojos de suas

rapinas, e não raro deixando vítimas das lutas travadas. Gente de má índole, estúpida, perversa, presta-se, assalariadamente, a vinganças de alheias e ruins paixões, e bem assim ao serviço de vulgares e ambiciosos mandões de aldeias, ao desabafo das suas contrariadas ambições, dos seus caprichos, às mais torpes perseguições e vinganças, e ainda, reunidamente, em numerosos grupos armados, a intervenções nos comícios políticos. "Expor a vida ao punhal dos cangaceiros do Accioli" (*Pernambuco* nº 165 de 1913). "A psicologia dessa gente, malaventurada e maléfica, que nos sertões do Norte do Brasil, do Piauí à Bahia é diversamente designada pelos nomes de valentões, jagunços ou cangaceiros, ainda está por fazer ... Produto grosseiro duma sociedade ainda em ínfimo estado cultural, o cangaceiro é sempre protervo e ignóbil." (Alfredo de Carvalho)

CANGAÇO. A palavra cangaço tem vários significados. O Visconde de Beaurepaire-Roham registra o vocábulo como "pedúnculo e espata do coqueiro, os quais se desprendem da árvore, quando estão secos", usado em Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Afirma que, etimologicamente é vocábulo português que se aplica ao pedúnculo dos cachos de uva, e mais, com a significação de bagaço, à parte grosseira que fica dos produtos espremidos, conforme Aulette. Pereira da Costa⁹ registra cangaço como "Troços, quimbembes, toscos e ordinários objetos de uso doméstico de uma casa pobre, humilde, cujo conjunto bem expressa a locução qualificativa de mobília de pote e esteira, e concurrentemente os vocábulos derivados de *cangacharia*, *cangaceira*, *cangaço* e *cangaçais*, sendo este último registrado por Moraes como termo do Brasil, ou antes de Pernambuco, onde escreveu o seu *Dicionário*,

definindo: a mobília de um pobre ou escravo. Acrescenta: "O vocábulo, originariamente empregado na acepção de pedúnculo e espata do coqueiro, *cangaço de coco*, ou *cangaço*, como se chama em Alagoas, vem da língua Tupi; e como escreve Alfredo de Carvalho, tratando do engenho Cangaçá situado no Município de São Lourenço da Mata, é uma corrutela de *acang-açab*, galho seco, ou cortado, que perfeitamente se acomoda àquela expressão originária do termo." Já o mestre Luís da Câmara Cascudo explica: "Reunião de objetos característicos do cangaceiro, fuzil ou mosquetão (outrora bacamarte, clavinote, rifle Winchester 44, papo de fogo), revolver, *parabellum*, grande punhal atravessado na cartucheira dupla da cintura, cartucheiras cruzadas no peito, bornais de algodão, com munição, medicamentos, muda de roupa, fumo, fósforo, varetas para limpar as armas, etc. Viver no cangaço, gostar do cangaço, foi para o cangaço, referem-se ao cangaceiro."

CANGAPÉ. "No Ceará dão o mesmo nome ao pontapé que ao mergulhar a criança, ligeira e gostosamente, dá no companheiro dentro d'água, em animada brincadeira" – afirma J. Galeno citado por Beaurepaire-Roham¹¹.

CARDEIRO. s.m. "Planta da família das Bombacaceas (*Catostema Micranthum Ducke*); designação de várias cactaceas", registra A. B. de Holanda .

CHOCAR. "Causar medo a; intimidar; desmoralizar – Norte; (Bras. Norte.) amedontrar-se; acovardar-se; fugir à luta", dicionariza A. B. de Holanda .

CIDADE DE PÉS JUNTOS. Cemitério.

CIPÓ-DE-BOI. Feito com o pênis do boi, da seguinte maneira: retira-se, cuidadosamente o pênis do boi; expõe-se ao sol, durante alguns dias, para secar; passa-se sebo de carneiro, para que fique mais flexível. Constitui uma das maiores desonras para o nosso sertanejo levar uma surra de *cipó-de-boi*: – "Aquilo é lá gente! Já apanhou de *cipó-de-boi*!" Alguns delegados do interior e até mesmo da capital usavam *cipó-de-boi* para desvendar crimes. No interior, fazendeiros e coronéis faziam do *cipó-de-boi* uma arma para impor o seu prestígio político.

COMER DA BANDA RUIM ou DA BANDA PODRE. "Lutar com dificuldade, arrostar contratempo. O mesmo que *comer candeia de sebo, comer insosso e beber salgado, comer o que o diabo enjeitou*", explica Leonardo Mota.

CRUZEIRO. "Grande cruz erguida nos adros, cemitérios, largos, praças", conforme A. B. de Holanda⁽¹⁵⁾. O célebre missionário Frei Damião, quando passa nas cidades e vilas nas suas missões, pede sempre para o povo erguer um cruzeiro, o maior possível, para significar a presença de Deus.

DAR A HORA. Significa cumprimentar, dizendo bom-dia, boa-tarde ou boa-noite.

DE-COMER. Comida, alimento.

DORMENTE. "Nome dado às travessas (de madeira de lei) em que assentam os trilhos da linha férrea", registra A. B. de Holanda.

ESTRIPULIA. Desordem, conflito, travessura, bravata, confusão.

EX-VOTOS. Veríssimo de Melo, um dos mais apaixonados pesquisadores do folclore brasileiro, escreve: "*Ex-votos* ou *milagres* – esta última denominação é regional – são oferendas que fazem os crentes aos seus santos prediletos, em cumprimento de promessa feita. Todavia, as devoções estão ligadas a santos da Igreja Católica. Há no Rio Grande do Norte muitas cruzeiras em estradas, pelourinhos, menino perdido que têm dado origem a devoções. Mais correto será dizer-se que *ex-votos* são cumprimentos de promessas feitas a santos, pessoas ou entidades que o povo considera milagrosos. Esses *ex-votos* ou representações de milagres podem ser das mais diversas formas, como, por exemplo, esculturas em madeira, barro ou cera; quadros alusivos a fatos extraordinários, retratos, gravuras de santos, imagens, bonecos de pano, cabelos, vela, etc. Os marinheiros põem sempre miniaturas de barcos ou navios ou simples fotografias de embarcações. Nos quadros, retratos e até peças de madeira, muitos escrevem agradecimentos que são dignos de atenção pelo pitoresco da linguagem e ortografia. Geralmente, o *ex-voto* é colocado sobre o altar ou entregue ao zelador; que o pendura nas paredes da capela ou igreja, por certo tempo. Depois, leva-o para o depósito (quarto de milagres) ou queima-o." No Museu Antropológico da Fundação Joaquim Nabuco, do Recife, vamos encontrar uma magnífica coleção de *ex-votos* de cera, de madeira, de metal, de couro e de pano, como um macacão que alguém prometeu ao santo de sua devoção se conseguisse trabalho.

FOLHETOS. Ninguém melhor do que Renato Carneiro Campos para dizer sobre tão interessante meio de

comunicação popular no Nordeste: "Pertencem os folhetos à chamada literatura de cordel. É o jornal, o romance do trabalhador, da zona rural. Narram feitos de heróis ladinos, de *amarelinhos* sempre vencedores sobre competidores aparentemente invencíveis pelo vigor e pela saúde, falam de sertanejos valentes e da vida de cangaceiros célebres, contam histórias de Trancoso, apresentam romances de amor de final feliz, registram acontecimentos importantes da região. São histórias que quebram a solidão do trabalhador rural, ajudando-o ao mesmo tempo a suportar a sua miséria por um mecanismo de projeção que o identifica com os heróis da narrativa. Costumam ser lidos e relidos, nos momentos de folga do trabalhador, por algum membro da família, por um amigo, ou qualquer pessoa da localidade que saiba ler. Na verdade, constituem esses livrinhos vendidos nas feiras do Nordeste brasileiro, verdadeiro documentário de costumes da nossa gente rural. Neles estão registradas as impressões do povo a respeito de acontecimentos sucedidos no município, no Estado, em todo o país. É a maneira de ver e analisar os fatos sociais, políticos e religiosos, da gente rude do interior nordestino, fotografada nas páginas dos folhetos, denunciando costumes, atitudes, preferências e julgamento. Valiosas informações de interesse histórico, etnográfico e sociológico são fixadas nesse cada dia mais influente meio de comunicação, tão estimado pela nossa gente." Sobre a técnica do folheto e suas mais diversas formas, leia-se *História da Literatura Brasileira* – vol. VI – *Literatura Oral*, de Luís da Câmara Cascudo, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1952.

FORÇA VOLANTE. Contingente policial que se deslocava no Nordeste em perseguição ao cangaço.

FORRÓ. Dança, *arrasta-pé*, termo muito usado no sertão. A orquestra do *forró* sempre tem uma sanfona, um *triângulo*, um *reco-reco* e um *zabumba*. Gostoso, mesmo.

GANGORRA Significa também máquina tipográfica de madeira onde são impressos os folhetos de feira.

JERERÉ. "Espécie de rede feita para pescar camarões. Tem a rede a forma de um saco preso a um semi-círculo de madeira com uma travessa diametral, e é munido de um cabo de madeira no meio do arco. O pescador segurando nesse cabo e mergulhando o *jereré* passeia com ele pela água e colhe a porção de camarões que lhe convém," ensina Beaurepaire-Rohan.

LÉGUA. "Medida itinerária que equivale a 6.000 metros; *de beijo* (Bras.) indicação vaga dos sertanejos com o beijo inferior distendido na direção que se deve percorrer", dicionariza Aurélio Buarque de Holanda. Quando se pergunta ao sertanejo quanto ainda se deve andar para chegar à cidade, à fazenda ou ao povoado, ele responde: – "É ali; umas duas *leguinhas* de nada. Vosmecê vai andando no *giro do pau da venta* e logo depois de atravessar o riacho vosmecê *quebra o braço direito* e num instante chega !" E como são longas as léguas de beijo !

MACACA. "Chicote de cabo curto e grosso, com que se açoitam os animais de carga", ensina Aurélio Buarque de Holanda .

MACACO. "Policial de milícia estadual também chamado *mata-cachorro*", registra Manuel Viotti .

MAMULENGO. Segundo Luís da Câmara Cascudo , "espécie de divertimento popular em Pernambuco, que consiste em representações dramáticas, por meio de bonecos, em um pequeno palco alguma coisa elevada. Por detrás de uma empanada, escondem-se uma ou duas pessoas adestradas, e fazem com que os bonecos se exibam com movimento e fala. A esses dramas servem ao mesmo tempo de assunto cenas bíblicas e de atualidade. Têm lugar por ocasião das festividades de igreja, principalmente nos arrabaldes. O povo aplaude e se deleita com essa distração, recompensando seus autores com pequenas dádivas pecuniárias. O *mamulengo* entre nós é mais ou menos o que os franceses chamam Marionette ou Polichinelle." Atualmente, um dos mais famosos *mamulengos* pernambucanos é o de Manuel Amendoim, de Goiana.

MARRÃ. Ovelha nova. Diz o homem do interior, advertindo e aconselhando ao mesmo tempo: "Quem tiver sua *marrã* (filha moça) prenda que os meus bodes (filhos) andam soltos !"

MOSQUEIRO. "Casa de pasto de ínfima classe; tasca, espelunca," registra Aurélio Buarque de Holanda .

NÃO IR NESSA CANOA. Não se meter em negócios arriscados ou escusos; não se deixar enganar.

PAJEÚ. Faca de ponta, com cabo de chifre formado por anéis pretos e brancos, fabricada nos sertões de Pajeú.

PAPO-AMARELO. Rifle. O nome da cor se origina no metal amarelo empregado na sua fabricação.

PASSAR NO PAPO. Deflorar, possuir sexualmente.

PERNA PRÁ QUE TE QUERO. Correr, *dar no pé*.

PUNHAL. "Pequena arma branca, constituída por uma lâmina perfurada e um cabo, geralmente em forma de cruz" – conforme Aurélio Buarque de Holanda . Das chamadas armas brancas, o punhal é a única que não tem utilidade prática para o homem do campo. O punhal não tem fio, só faz perfurar. É, pois, uma arma assassina, como dizem os matutos. Não encontrei uma explicação para a diferença existente entre o punhal descrito por mestre Aurélio Buarque de Holanda e os que tenho encontrado ultimamente, que não têm a forma de cruz nem são perfurados, como mostra a fotografia do que pertenceu a Antônio Silvino, publicada no texto. Nomes diferentes? Será que o punhal da fotografia não passa de uma mera faca de ponta, de uma *pajeú*? Ou será que o nome muda de conformidade com a zona ou Estado?

QUIZILA. "Repugnância; antipatia; inimizade ou desinteligência", como registra Aurélio Buarque de Holanda . Diz João Ribeiro : "Parecida translação semântica deu-se com o vocábulo *quijila* que hoje significa horror, ira, repugnância, e era como é ainda, a dieta e jejum em certas práticas religiosas dos negros. O negro que está de *Kijila* fica em estado de incomunicabilidade, não fala, não responde."

REPETIÇÃO. "Espécie de rifle ou arma de repetição", consigna Aurélio Buarque de Holanda .

SALSEIRO. "Balseiro ou salceiro (sarceiro), tumulto, acúmulo de óbices", explica Leonardo Mota .

SANGRAR. Matar com golpe de arma branca dado na clavícula, no vão ou ainda seccionando a carótida até a vítima perder todo o sangue.

TACOS. Clichês feitos de madeira, com entalhes; xilogravura destinada à capa dos folhetos.

TÁTARO. "Que ou quem fala trocando o c por t; tartamudo; tatibitate" – como registra Aurélio Buarque de Holanda .
Como na estória daquele tático que chegou numa loja e perguntou:

- Tem tinta ati ? (Tem tinta aqui?)
- Tem; ti tô ti té ? (De que cor quer?) – respondeu o balconista que também era tático.
- Ti tá té tô ! (De qualquer cor !) respondeu o primeiro tático, zangado, pensando estar sendo vítima de uma gozação.

TIRAR A GOGA. Acabar com a fama, com a valentia, com o orgulho ou importância de alguém.

TRABUCO. "Espécie de bacamarte, conforme Aurélio Buarque de Holanda .

VAQUEIRO. Pastor de gado, vestido com sua roupa de couro que lhe protege dos galhos, das árvores de espinhos e das possíveis quedas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (11ª edição). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.
- 2 NETO, Olímpio Bonald. *Os Bacamarteiros*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1965.
- 3 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Ob. cit.
- 4 PEREIRA DA COSTA. *Vocabulário Pernambucano*. Recife: Imprensa Oficial, 1937.
- 5 CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro* (2ª edição). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1962.
- 6 MENDONÇA, Renato. *A Influência Africana no Português do Brasil* (2ª edição). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.
- 7 PEREIRA DA COSTA. Ob. cit.
- 8 BEAUREPAIRE-ROHAN. *Dicionário de Vocábulo Brasileiros* (2ª edição). Salvador: Livraria Progresso Editora, 1956.
- 9 PEREIRA DA COSTA. Ob. cit.
- 10 CASCUDO, Luís da Câmara. Ob. cit.
- 11 BEAUREPAIRE-ROHAN. Ob. cit.
- 12 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Ob. cit.
- 13 _____ Ob. cit.
- 14 MOTA, Leonardo. *Voleiro do Norte* (3ª edição). Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.
- 15 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Ob. cit.
- 16 _____ Ob. cit.
- 17 VERÍSSIMO DE MELO. *Xarias e Canguleiros*. Natal: Imprensa Universitária, 1968.
- 18 CAMPOS, Renato Carneiro. Ob. cit.
- 19 BEAUREPAIRE-ROHAN. Ob. cit.
- 20 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Ob. cit.
- 21 _____ Ob. cit.
- 22 VIOTTI, Manuel. *Nôvo Dicionário da Gíria Brasileira* (3ª edição). Rio de Janeiro: Livraria Tupã Editora, 1954.
- 23 CASCUDO, Luís da Câmara. Ob. cit.
- 24 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Ob. cit.
- 25 _____ Ob. cit.
- 26 _____ Ob. cit.
- 27 RIBEIRO, João. *A Língua Nacional*.
- 28 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Ob. cit.
- 29 MOTA, Leonardo. *Cantadores* (3ª edição). Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1961.
- 30 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Ob. cit.
- 31 _____ Ob. cit.